



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

VANESSA ALVES FELIX

**ANGOLA PÓS – INDEPENDÊNCIA, SOB O OLHAR
DE JOÃO MELO EM FILHOS DA PÁTRIA**

PORTO ALEGRE

2015

VANESSA ALVES FELIX

**ANGOLA PÓS – INDEPENDÊNCIA, SOB O OLHAR DE JOÃO MELO EM
FILHOS DA PÁTRIA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Literaturas Portuguesa e Luso-africanas, para a obtenção de título de Mestra.

Orientadora: Doutora Ana Lúcia Liberato Tettamanzy.

PORTO ALEGRE

2015

VANESSA ALVES FELIX

**ANGOLA PÓS – INDEPENDÊNCIA, SOB O OLHAR DE JOÃO MELO EM
FILHOS DA PÁTRIA**

Trabalho de dissertação defendido e aprovado como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Literaturas Portuguesa e Luso-africanas pela banca examinadora constituída por:

Professor Doutor Antônio Barros de Brito Junior

Professora Doutora Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

Professora Doutora Carla Beatriz Meinerz

Professora Doutora Regina da Costa da Silveira

PORTO ALEGRE

2015

Dedico este trabalho aos meus avós maternos e paternos, Joselia da Silva Alves, Cleizer Alves, Beloni Machado Felix e Nilton da Silva Felix, por serem a mim exemplos de luta e de resistência.

AGRADECIMENTOS

Quando nos submetemos a qualquer desafio, precisamos estar cientes que em nosso caminho podemos encontrar percalços, esses que nos motivarão a enfrentá-los ou até mesmo desistirmos da caminhada. Durante o período que cursei o Mestrado, passei por inúmeras situações desanimadoras, mas nunca pensei em desistir, porque vencer esta etapa não era apenas importante para mim, mas também para os meus familiares e amigos que sempre me apoiaram nesta trajetória. Logo, não guardo apenas os momentos de “tribulações” que me fizeram crescer neste percurso, mas também os sorrisos de conforto que me transmitiram leveza nestes dois anos no Programa de Pós—Graduação em Letras da UFRGS.

Assim, quero agradecer primeiramente a Deus por ter me dado forças e sabedoria para concluir esta jornada. Certamente, vencer cada desafio não foi fácil, desta forma o texto bíblico “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.” (2º Timóteo 4:7) me serviu de inspiração, pois compreendi através desta passagem que a superação só acontece quando você acredita em algo. Porém, eu não “acreditei” sozinha. Inúmeras pessoas “acreditaram” comigo este sonho de concluir o Mestrado.

Logo, venci com meus pais Nilson Machado Felix e Sueli Felix que sempre me deram carinho e apoio para ser forte contra as adversidades. Venci com meu irmão Nilson Fabiano Alves Felix que me mostrou com seu jeito tranquilo que as coisas são mais simples do que parecem. Venci com minha amada tia Sirlei Felix. Venci com meu grande companheiro e amigo Ricardo Ossagô Júnior, a quem tenho grande carinho e admiração por sua história de vida. Venci com meus amigos e minhas amigas. Venci com meus queridos colegas do Instituto São Francisco – Santa Família e do Colégio Adventista de Porto Alegre - RS. Venci com minha orientadora Ana Tettamanzy que não desistiu de mim, pelo contrário, lutou para que eu concluísse este trabalho até os “45 minutos do segundo tempo”. Por fim, porém não menos importante, gostaria de lembrar que venci com os meus alunos, estes que me fizeram crer que só podemos ir ao encontro das pessoas, por meio do afeto.

Gratidão, isso é o que sinto por aqueles que me fizeram enxergar que concluir uma dissertação é importante, porém não mais importante do que a troca de experiências que fazemos uns com os outros ao longo da nossa vida.

Periferias, vielas, cortiços,
Você deve tá pensando,
O que você tem a ver com isso?
("Negro Drama" – RacionaisMc's)

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo analisar a partir da obra *Filhos da Pátria* (2008), do escritor João Melo, a identidade angolana, por meio dos estudos da periferia, das elites e das relações étnico-raciais. Para a realização deste trabalho, valeu-se da leitura das teorias pós-colonialistas para compreender os efeitos políticos, filosóficos, artísticos e literários deixados pelo colonialismo nos países de expressão portuguesa. Além destes, o marco teórico deste estudo também compreendeu a leitura e análise dos textos do sociólogo Boaventura de Sousa Santos, contribuindo para a discussão sobre o colonialismo português. A partir destes estudos, percebemos os resquícios do regime colonialista, em Angola, através das condições precárias que vive, atualmente, grande parte da população de Luanda, assim como a influência do colonialismo no discurso racial neste país.

Palavras-chave: *Filhos da Pátria*, João Melo, Angola, Pós-colonialismo, Identidade

RESUMEN

La presente tesis de maestría tiene por objetivo analizar, desde la obra *Filhos da Pátria* (2008), del escritor João Melo, la identidad angolana, por medio de los estudios de periferia, de las elites y de las relaciones étnico-raciales que existen en Angola. Para la realización de este trabajo, nos valemos de la lectura de las teorías pos-colonialistas para comprender los efectos políticos, filosóficos, artísticos y literarios dejados por el colonialismo en los países de expresión portuguesa. A más allá de esos estudios, el marco teórico de este trabajo también comprendió la lectura y el análisis de los textos del sociólogo Boaventura de Sousa Santos, contribuyendo para la discusión del colonialismo portugués. A partir de estos estudios, percibimos los resquicios del régimen colonialista, en Angola, por medio de las condiciones precarias que se vive en la capital, Luanda; como también los influjos del colonialismo en el discurso racial en este país.

Palabras clave: *Filhos da Pátria*, João Melo, Pos-colonialismo, Identidad

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. PERIFERIA É PERIFERIA EM QUALQUER LUGAR DO MUNDO.....	13
1.1 “PERIFERIAS, VIELAS, CORTIÇO”: UMA BREVE ANÁLISE DOS NOMES QUE DESIGNAM AS ZONAS PERIFÉRICAS.....	14
1.2 LITERATURA COMO VOZ DA PERIFERIA.....	18
1.3 A LITERATURA ANGOLANA E A VOZ DOS MUSSEQUES	20
1.4 A LÍNGUA NATIVA ANGOLANA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA NA LITERATURA	26
1.5 OS MUSSEQUES DE JOÃO MELO	27
2. ANGOLA PÓS-INDEPENDÊNCIA, SOB O OLHAR DE JOÃO MELO, NO LIVRO FILHOS DA PÁTRIA	32
2.1 ANGOLA: UM PAÍS PERIFÉRICO NUM CONTINENTE PERIFÉRICO.....	35
2.2 “TODOS IGUAIS, UNS MAIS IGUAIS QUE OS OUTROS”: A PERIFERIA ANGOLANA X A NOVA ELITE DE ANGOLA	46
2.3 AUTENTICIDADE ANGOLANA: O DISCURSO DE RAÇAS NA OBRA FILHOS DA PÁTRIA, DE JOÃO MELO	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS	72

INTRODUÇÃO

“Periferia é periferia... Em qualquer lugar”, já dizia o compositor Edy Rock, do grupo de rap “Racionais Mc’s”, e é esta afirmação que escolhi para iniciar a minha dissertação, que visa analisar os aspectos sociais e políticos da sociedade angolana, com destaque às questões raciais, por meio do livro *Filhos da Pátria* (2008). Desde já, afirmo que a minha relação com este livro nasceu na Graduação, mais especificamente numa disciplina que tinha por objetivo estudar teóricos pós-colonialistas e os principais escritores do cenário africano. Assim, surgia o meu primeiro encontro com a literatura africana, o meu interesse pela literatura angolana e, por consequência, a minha aproximação com o autor angolano João Melo. Essa obra me instigara desde o primeiro momento, pois fui ao encontro de uma realidade que não era tão distante daquelana qual eu vivo.

Ao ler *Filhos da Pátria*, tive uma série de impressões. No virar de cada página, percebi que os filhos de Angola eram também os filhos do Brasil, ou melhor, eram os filhos de qualquer país que possui um sistema excludente. Com uma linguagem “crua”, ele soube mostrar seu país depois do colonialismo. Assim, este livro acaba sendo uma grande viagem ao cotidiano angolano, o que não é estranho se pensarmos no perfil de Aníbal João da Silva Melo - nome completo do autor, nascido em Luanda, a 5 de Setembro de 1955. Melo trabalhou como jornalista na Rádio Nacional de Angola, dirigiu vários meios de comunicação neste país - estatais como a Agência Angola Press-ANGOP e o Jornal de Angola, e privados como o Correio da Semana. Desta forma, observa-se que Melo está acostumado a retratar o dia-a-dia do seu povo, seja por meio de crônicas ou contos. Além do livro *Filhos da Pátria*, as suas obras publicadas são: *Definição* (1985), *Fabulema* (1986), *Poemas Angolanos* (1989), *Tanto Amor* (1989), *Canção do Nosso Tempo* (1991), *Jornalismo e Política* (1991), *O Caçador de Nuvens* (1993), *Limites & Redundâncias* (1997) e *Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir* (1998). Ele já recebeu vários prêmios, dentre eles o Prêmio Sonangol e o Prêmio Sagrada Esperança, ambos em Angola. Atualmente, dirige uma agência de comunicação privada, a “Movimento”, e é deputado pelo MPLA à Assembleia Nacional. Também cabe salientar que existem vários trabalhos no Brasil que analisam as obras de João Melo. Sobre *Filhos da Pátria*, destaco: *Luanda e filhos da pátria: leituras e movimento* (2010), de Patrícia Camargo, *Tragicomêdo retrato dos filhos de Angola* (2011), de Salim Miguel, *João Melo: contos risíveis ou talvez, não* (2011), de Lola

Geraldes Xavier, *Filhos da Pátria: a representação de identidades angolanas na Literatura de João Melo* (2012), de Ana Maria Carneiro Almeida Diniz, *Identidade e resistência em Filhos da Pátria* (2012), de Karine Xavier e *Narrador e Narratividade nos contos de João Melo* (2013), de Thamires de Carvalho. Estes são artigos e dissertações, no qual serviram como auxílio na realização deste trabalho.

Logo, como observamos na obra dele, ele não só escreve, mas denuncia. Melo sabe “provocar” e, certamente, me tirou da posição de conforto, pois suas provocações me fizeram escrever, em 2012, *Quem foi a pátria que me pariu? A importância das literaturas africanas para a construção da identidade brasileira*, meu trabalho de conclusão da Graduação, que tinha o intuito de mostrar uma prática educativa com as literaturas africanas nas escolas públicas, a fim de refletir como o jovem – em especial o jovem negro – pensa sobre a sua identidade, a partir da literatura luso-africana.

No entanto, sentia que o meu relacionamento com o livro *Filhos da Pátria* ultrapassaria os muros da Graduação. No Mestrado, tive a oportunidade de mergulhar um pouco mais na obra. Logo percebi o quão interessante seria pensar o que *é ser angolano* e o que eles chamam de *autenticidade angolana* – termo esse bastante utilizado na obra e comentado em contos como “O efeito estufa”. Certamente, esta não foi uma tarefa muito tranquila, apesar de muitos defenderem que a “análise do outro” é mais fácil do que a análise de nós mesmos. Para pensar na *autenticidade angolana* foi preciso mergulhar na história, entender o processo colonialista deste país que teve sua independência na década de 70. Qual é a cor do colonizador? Qual é a cor do colonizado? Onde e quando surgiu o conceito de raças? Até que ponto as teorias científicas deram suporte à colonização? Afinal, o que é ser um *autêntico angolano*? Qual é a cor da periferia? Essas são apenas algumas das perguntas que surgiram ao ler a obra de João Melo. E, para a última pergunta, segue um complemento do que havia dito no início: “periferia é periferia em qualquer lugar”, e a periferia tem a pele escura. A respeito desta afirmação, peço desculpas por não explicá-la agora, porém a mesma aparecerá no corpo da dissertação quando escreverei sobre “a cor dos que não estão no centro”, no capítulo que fala sobre a “Literatura angolana e a voz dos *musseques*”.

Para analisar “a cor dos que não estão no centro”, precisei falar sobre a periferia angolana sobre aqueles que estão numa posição privilegiada dentro do país. Assim, não poderia deixar de mencionar a elite de Angola, essa que João Melo acusa de “alienação” frente aos problemas sociais que a mesma se recusa a encarar. No conto “O cortejo”, por exemplo, dedicado ao grande escritor angolano Pepetela, o autor tece

fortes críticas a essa nova elite, esta que ascendeu socialmente com a economia de Angola. Segundo constatam recentes pesquisas econômicas, este país cresceu muito no setor industrial, nos últimos anos. Depois de quase trinta anos de guerra civil, Angola vê-se num novo cenário. Entre os PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), Angola e Moçambique estarão entre as duas melhores economias de 2014 e 2015. Atualmente, Angola é o segundo maior produtor de petróleo da África Subsaariana e também é um grande produtor de diamantes. Não por acaso o Brasil, que cresceu de forma gradativa – na Economia –, faz questão de manter as relações com esse país angolano. Contudo, apesar do crescimento econômico, tanto Brasil quanto Angola não conseguem reverter o crescimento econômico em benefícios para toda a sociedade.

Crescer com justiça social, talvez seja este um dos maiores desafios de Angola e uma das maiores críticas de João Melo ao contar a história dos filhos deste país que vivem na periferia em contraste com aqueles que não vivem nas zonas periféricas. Talvez, Melo dedique “O Cortejo” para Pepetela como forma de responder *quais são os frutos da revolução? Como o país se encontra depois de tanta luta por libertação?*, assim destaco o fato de o grande autor de *A Geração da Utopia* (2010) ter lutado pela libertação do país angolano. O curioso é que Pepetela muito já escreveu e ainda escreve sobre a sociedade angolana. No livro *Predadores* (2008) – por exemplo – ele aborda a ascensão de um homem de origem humilde, Vladimiro Caposso, que se serve da estrutura partidária e do aparelho do Estado para se transformar num poderoso empresário. Para muitos estudiosos, como José Eduardo Agualusa, este livro fecha um ciclo de desencanto com a forma como evoluiu o regime angolano de 1975.

Desencanto, esta é uma palavra que tantos outros escritores deste país comumente utilizam para falar de Angola “hoje”, pois, mais do que uma região industrializada, o que eles criticam é o sistema que serve para afirmar ainda mais a exclusão – essa motivada pelo colonialismo. Coloniza aquele que se julga superior ao outro. Nesta busca desenfreada pelo poder, foi preciso criar a ideia de que um homem que possui o tom de pele mais claro é superior àquele que tem o tom de pele mais escuro. Assim, foram criadas estratégias para a colonização como a noção de raça. Não existe raça negra ou raça branca: hoje, muitos defendem esta ideia, porém cabe refletirmos sobre os efeitos que a colonização resultou e lutarmos contra o racismo que ela acabou fomentando.

As Literaturas Luso-africanas e a crítica pós-colonial têm andado juntas e, para evidenciar isso achei importante trazer alguns teóricos pós-colonialistas, como HomiBabha, Ella Shohat, Walter Mignolo entre outros, a fim de discutir a questão colonial presente na obra *Filhos da Pátria*. O discurso pós-colonialista é centrado na questão colonial antecedente e produzido em todas as sociedades que tiveram seus países colonizados. As difusões dessas teorias ocorreram mais tarde na América Latina.

Achille Mbembe, um dos filósofos da era pós-colonial, é outra referência que trago para discutir a obra de João Melo, pois, assim como o guineense Carlos Lopes, ambos ajudam a refletir sobre os desafios contemporâneos no continente africano. A respeito da discussão sobre identidade no livro, considero importante trazer a reflexão de Kwane Anthony Appiah, autor de *Na casa do meu pai* (2007). Nesta obra, importantes conceitos como “racismo” e “racialismo” são trazidos. E, ao falar de raça, não poderia me esquecer de Frantz Fanon - psiquiatra, filósofo – autor do célebre livro *Peles negras, máscaras brancas* (1952). Nesta obra, teorias raciais das ciências e da filosofia são abordadas. Além disso, o autor fala da ideologia que ignora a cor, e como ela pode apoiar o racismo.

Dito isso, considero importante trazer o estudioso Stuart Hall, que proporciona um debate sobre cultura com ênfase no debate político e faz uma reflexão sobre a identidade em questão, a partir do livro *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (1992). Também recupero o discurso de Patrick Chabal, cientista político, que no seu artigo “O Estado pós-colonial na África de expressão portuguesa” (1993) ajuda-nos a pensar sobre o motivo pelo qual a história da África portuguesa difere da história das demais colônias africanas.

Os contos escolhidos do livro servirão para falar sobre as questões de identidade angolana e para aprofundar o debate sobre Angola pós-independência ao adentrarmos no cotidiano de Luanda. Caminhar sobre os *musseques* da capital de Angola foi importante, tão ou mais importante foi conhecer a vida de cada filho e perceber o misto de fragilidade e força que possui o povo angolano. O ser humano tem um pouco dessas duas coisas. Talvez, o maior feito de João Melo tenha sido o de mostrar os aspectos mais íntimos dos filhos de uma pátria periférica num continente periférico. Revelar a periferia que existe dentro de cada ser humano é um desafio.

CAPÍTULO I – PERIFERIA É PERIFERIA EM QUALQUER LUGAR DO MUNDO

O espaço é curto
quase um curral
na mochila amassada
uma quentinha abafada
meu troco é pouco
é quase nada
Não se anda por onde gosta
mas por aqui não tem jeito todo mundo se encosta
ela some ela no ralo de gente
ela é linda
mas não tem nome
é comum e é normal
("Rodo Cotidiano" – O Rappa)

Periferia, segundo grande parte dos dicionários de língua portuguesa, é uma região distante do centro urbano, com pouca ou nenhuma estrutura, onde vive a população de baixa renda. No entanto, se formos analisar mais afundo esta definição, observaremos que o conceito é muito mais profundo do que se apresenta e não está apenas associado à leitura da cidade, ou seja, à visão geográfica, surgida de um desenvolvimento urbano. Desta forma, quando falamos em periferia, precisamos refletir que nem sempre ela está relacionada ao espaço. Estas zonas estão mais associadas à falta de recursos e assistência do que à localização; basta pensarmos que há muitas periferias em áreas nobres da cidade. "Ser da periferia" – muitas vezes – não é morar na periferia. E isso observamos nos grandes centros urbanos. Em São Paulo, metrópole brasileira, por exemplo, vemos a sua região central com características de empobrecimento. Logo, existem regiões que são pouco assistidas pelo governo – locais em que as prefeituras não entram, por exemplo, para fazer a coleta de lixo. Esse é apenas um exemplo de exclusão. Normalmente, os habitantes destes locais são trabalhadores assalariados que não conseguem cobrir o custo da moradia e acabam se fixando em áreas irregulares ou ilegais. Assim, percebemos que as medidas propostas pelo governo são ineficazes. Por isso, temos mais pessoas vivendo em áreas periféricas, sem acesso a recursos e longe dos centros das cidades.

No texto "Sobre favelas e musseques"(2011), a autora Simone Pereira Schmidt tece uma leitura comparativa entre os contos do Luandino Vieira e o romance *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, por meio de espaços subalternos conhecidos como favelas ou musseques. Nele, Schmidt afirma que estes são "lugares simbólicos associados

a importantes sentidos de classe, gênero e raça advindos da experiência colonial, tanto em Angola como no Brasil.” (2011, p.1).

Ainda sobre este espaço, podemos pensar na seguinte reflexão:

Musseques e favelas são lugares concretos, porém com forte carga simbólica nas culturas angolana e brasileira, já que remetem a posições que transitam do sentido geográfico e espacial às questões identitárias ligadas a aspectos sociais e raciais. Além de espaços urbanos concretos, são metáforas que nos falam da distância existente entre diferentes lugares na geografia social das cidades. “Sobre favelas e musseques”, portanto, é um título que indica a condição de exclusão e subalternidade vivida por seus habitantes, condição esta assinalada, de forma indelével, pela experiência colonial – recente, no caso angolano; distante no passado brasileiro, mas nem por isso superada e resolvida. Em trabalhos anteriores, tenho destacado a necessidade de um debate fundamental a ser feito com maior rigor no Brasil: sobre o legado tenso e mal resolvido do patriarcalismo escravocrata e seus desdobramentos na atualidade (SCHMIDT, 2009, p. 799-817 apud SCHMIDT, 2011, p.1)

Logo, a formação da periferia - segundo Simone Schmidt - é uma das consequências do sistema colonialista, independentemente do nome que carrega.

Assim, podemos dizer que “ter sido colonizados” é o passado a que permanecemos inevitavelmente ligados, num fio de continuidade histórica cuja ponta inicial se encontra com o trauma da escravidão, por um lado, e, por outro, se revela no espaço das grandes cidades, encontrando sua síntese na violência praticada contra os corpos de homens e mulheres situados em lugares que definem sua condição social subalterna. Além da geografia social que os define e situa, esses corpos cotidianamente agredidos são também localizados em termos de gênero, raça e classe, na ordem desigual que domina as relações estabelecidas no seio da sociedade brasileira. (SCHMIDT, 2011, p. 2)

1.1 “PERIFERIAS, VIELAS, CORTIÇO”: UMA BREVE ANÁLISE DOS NOMES QUE DESIGNAM AS ZONAS PERIFÉRICAS

As zonas periféricas recebem inúmeros nomes dependendo da região onde se encontram, mas isso muda com o período histórico no qual se apresentam. No Brasil atual, por exemplo, estas regiões – dependendo do Estado – podem ser chamadas de favela ou de vila, porém, no século XIX, elas eram conhecidas como cortiços. Em lugares como Luanda, capital de Angola, estes espaços são conhecidos como *musseques* – apesar de muitos sociólogos afirmarem que esta palavra esteja caindo em desuso, tendo assim a palavra periferia preferência para designar estes lugares.

O cortiço, palavra frequentemente utilizada na literatura, já teve diferentes significados, dos quais conhecemos apenas alguns mais comuns hoje. No *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas* (2007) organizado pela professora Zilá Bernd, podemos encontrar o histórico deste vocábulo:

Entre os significados mais remotos da palavra cortiço, está o de caixa cilíndrica feita de cortiça – designação de uma espécie de árvores -, que servia para as abelhas fabricarem mel e cera. Segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, a esse significado, corrente no século XIV, seguiu-se o de casa de cômodos no século XVI. (MEDEIROS, 2007, p. 149)

Contudo, nos versos de Gregório de Matos, no século XVII, percebemos que o significado desta palavra é bem diferente, pois ela assume uma conotação erótica; o “cortiço” – neste caso - seria a genitália feminina, como nos demonstram os seguintes versos:

Seu eu fora a vosso vergel,
E na vossa flor picar,
Um favo de mel formara
Mais doce, que o mesmo mel:
Mas como vós sois cruel,
E de natural castiço
Deixais entrar no caniço
Um Zangano comedor,
Que vos rouba o mel, e a flor,
E a mim o vosso cortiço.
(MEDEIROS, 2007, p. 149)

Porém, com o tempo esta palavra perdeu o sentido pejorativo e assumiu outro significado:

Posteriormente, o termo perdeu a conotação erótica encontrada nos versos de Gregório de Matos, embora tenha mantido o sentido negativo quando, no século XIX, tornou-se a designação de um tipo de moradia destinada às camadas mais baixas da população brasileira. Esse sentido, ainda hoje preservado, ficou consagrado no romance *O Cortiço*, publicado por Aluísio de Azevedo em 1890. (MEDEIROS, 2007, p. 149)

O cortiço popularizado na obra de Aluísio de Azevedo se refere a este ambiente como sendo um lugar praticamente inóspito, que ficava no centro da cidade e era destinado às populações mais pobres. A vida ali era marcada pela falta de privacidade, pois muitas dependências - como a cozinha e os banheiros - eram partilhadas entre os moradores. Além disso, é possível ver que a união entre os indivíduos que moravam nos cortiços só era dada a partir do inimigo comum, a polícia. No final do século XIX, os cortiços cariocas foram destruídos através de iniciativas governamentais que visavam “higienizar a cidade”.

Ainda no *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas* (2007) podemos encontrar o histórico da palavra “favela” e perceber que este espaço sucedeu o cortiço.

Originalmente, favela referia-se a um tipo de leguminosa. Euclides da Cunha, em *Os Sertões* (1902), emprega o termo ao descrever a espécie vegetal que recobria um local – o Morro da Favela – situado perto da cidade de Canudos, onde se desenrola a ação narrada. É, então, a partir dessa obra que *favela* passa a ser empregada com sentido geográfico e a ser associado a morro. (MEDEIROS, 2007, p. 278)

Por conseguinte, a história nos conta que os ex-combatentes na Guerra de Canudos retornam do conflito e fixam-se numa determinada zona da cidade do Rio de Janeiro que ficou conhecida como Morro da Favela. Este morro situava-se atrás do famoso cortiço Cabeça-de-Porco, cuja destruição mais tarde seria iniciativa da prefeitura municipal. Com as casas destruídas, as pessoas que ali viviam acabaram levando as madeiras do local destruído para o Morro da Favela e ali construíram novas moradias.

A literatura traz inúmeras referências à favela, revelando por meio do depoimento de escritores, como Carolina de Jesus, o quanto este espaço é precário e sujo. No livro *Quarto de Despejo. Diário de uma favelada* (1960), por exemplo, a favela é retratada de um modo fiel, visto que ele é “construído sem o preconceito ou a idealização com que frequentemente pretende-se conhecer e representar o outro”. (MEDEIROS, 2007, p. 279). Carolina não fala do que ouviu, mas do que vivencia à beira do Rio Tietê, em São Paulo. “[...] classifico São Paulo assim: o Palácio (sic), é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2001, p.28 apud MEDEIROS, 2007, p. 279). Logo, a narrativa, além de expor o descontentamento de quem vive à margem da sociedade, também expõe a falta de infraestrutura nas grandes metrópoles.

Além das mudanças que estes espaços sofreram no nome, é importante salientar o quanto a estrutura destas moradias se transformou ao decorrer dos séculos até chegar à literatura contemporânea. O romance *Cidade de Deus* (1997) escrito por Paulo Lins, permite captar estas diferenças. Este lugar que antes era composto por moradias de papelão ou de sobras de madeira, agora possui casas e prédios de concreto. Porém, apesar das transformações deste espaço, cabe salientar que ainda é palco de violência.

Aqui agora uma favela, a neofavela de cimento, armada de becos-bocas, sinistros-silêncios, com gritos-desesperos no correr das vielas e na indecisão das encruzilhadas.

Os novos moradores levaram lixo, latas, cães vira-latas, exus e pomba-giras em guias intocáveis, dias para se ir à luta, soco antigo para ser descontado, resto de raivas de tiros, noites para velar cadáveres, resquícios de enchentes, biroscas, feiras de quartas-feiras e as de domingo, vermes velhos em barrigas infantis, revólveres, orixás enroscados em pescoços, frango de despacho,

samba de enredo e sincopado, jogo do bicho, fome, traição, mortes ... (LINS, 1999, p.18 apud MEDEIROS, 2007, p. 279)

A favela é constituída por uma população variada, seja nos aspectos religiosos, raciais, etários ou morais. Em grandes cidades, como o Rio de Janeiro, muitos habitantes que vivem nestas zonas periféricas são oriundos de outros estados e vieram à “cidade maravilhosa” em busca de oportunidades que não tinham na sua terra de origem. A mídia, neste caso, teve um papel fundamental na criação ilusória de que muitos lugares são perfeitos, pois a mesma, durante muito tempo, deu grande destaque à “parte bonita da cidade” e esqueceu-se de mencionar o local onde vivem os trabalhadores que construíram a parte bela. Assim, nos anos 90, uma canção ganhava força nos bailes funk carioca e tinha como principal refrão, o lema: “Eu só quero é ser feliz”.

Nunca vi cartão postal que se destaque na favela,
Só vejo paisagem muito linda e muito bela.
Quem vai pro exterior da favela sente saudade,
O gringo vem aqui e não conhece a realidade.
Vai pra zona sul, pra conhecer água de coco,
E o pobre na favela, vive passando sufoco.
Trocaram a presidência, uma nova esperança,
Sofri na tempestade, agora eu quero a bonança
O povo tem a força, precisa descobrir.
Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui.
 (“Rap da Felicidade” – Cidinho e Doca)¹

Deste modo, podemos observar a importância das manifestações artísticas para denunciar a falta de assistência que sofre a população que vive nas favelas, seja por meio de letras de músicas, jornais, revistas, livros etc. Porém, frente a isso, é preciso o cuidado com o discurso preconceituoso que acaba criando o fato de que todos os moradores que moram nestas regiões estão ligados ao crime. Sabemos que apesar destas zonas terem maior incidência à violência extrema e ao tráfico de drogas, muitos dos que habitam ali não possuem qualquer ligação com a criminalidade.

Atualmente, a *Literatura Marginal*, escrita por muitos moradores que moram nas zonas periféricas, acaba revelando como – de fato – é o cotidiano dos moradores que vivem na favela. Porém, cabe salientar que o modo como revelam este espaço é diferente da forma como fez a escritora Carolina de Jesus, isso porque eles se demonstram mais engajados na luta da periferia.

¹Canção inserida no álbum “Eu só quero é ser feliz”, ano de 1995.

Tal procedimento narrativo parece estar relacionado ao fato de que a favela tem sido cada vez mais olhada e pensada por seus próprios moradores, que abdicam da condição de objetos para ocuparem o lugar de sujeitos, pelo menos no que diz respeito à escrita e à representação da favela. (MEDEIROS, 2007, p. 280)

Assim, percebemos que o intuito dos escritores da Literatura Marginal é “falar sobre o que não é dito”, “quebrar estereótipos”, “mostrar a vida como ela é”, nas favelas. Muitas vezes, estas histórias acabam gerando certo desconforto ao leitor, este sentimento é dado devido à “cobrança indireta” que o autor faz para que haja um posicionamento daquele que o lê frente os males da sociedade. A respeito da importância da literatura como voz da periferia, veremos mais sobre esta questão a seguir.

1.2 A LITERATURA COMO VOZ DA PERIFERIA

Pensar em periferia também é pensar em deslocamento. Desloca-se aquele que está em busca de algo e, normalmente, este “algo” é o bem estar pessoal e financeiro. Isso se observa tanto no trabalhador que vive longe do seu serviço, situado no centro da cidade, como naquele indivíduo que saiu do interior do seu estado em busca de melhores condições de vida na capital. Atualmente, existem muitos escritores que vêm pensando sobre a periferia. A chamada literatura periférica é um convite a adentrarmos na zona mais íntima daqueles que escrevem sobre ela e vivem – em sua maioria - nela.

No texto “Vozes marginais na literatura” (2003) da Érica Peçanha do Nascimento, algumas questões sobre a literatura marginal são desenvolvidas. E, mesmo que ela tenha sido pensada no contexto brasileiro, podemos observar que “a literatura que fala do povo” tem sido desenvolvida em países ditos do “Terceiro Mundo”, como Angola. E, isso ocorre por meio de escritores pós-colonialistas. Desta forma, no primeiro momento, a autora reflete sobre o conceito desta literatura periférica, através do olhar de três grandes teóricos, como Antonio Candido, Andrea Perlman e André Hossne.

Antonio Candido (1969) diz ser a literatura marginal uma produção escrita de toque poético, épico ou dramático da qual se origina um simbólico de obras ligadas por denominadores comuns, tais como: características internas, um conjunto de escritores mais ou menos conscientes do seu papel, um conjunto de receptores e um mecanismo transmissor. Enquanto Perlman (1977) segundo a pesquisadora, afirma que o conceito

“marginal” aplica-se, sociologicamente, aos sujeitos vitimados por processos de marginalização social, como pobres, desempregados, migrantes ou membros de minorias étnicas e raciais, e tem como sinônimo o adjetivo marginalizado.

a literatura dos marginalizados para categorizar o tipo de literatura que não está excluída do mercado editorial, que não está se excluindo do cânone, mas que está sendo produzida por quem está excluído social, econômica e literariamente. (NASCIMENTO, 2003, p.73)

O nascimento da expressão “Literatura periférica” surgiu – na primeira instância - para designar a condição social de origem dos escritores e a temática voltada para os problemas destas regiões. Assim, os personagens e a linguagem do texto estavam dentro do contexto da marginalidade social e da geografia periférica.

Conforme Érica do Nascimento:

A junção das categorias literatura e marginalidade presta-se, ainda, ao esforço de edificar uma atuação cultural e está relacionada a um conjunto de experiências e elaborações compartilhadas sobre marginalidade e periferia, bem como um vínculo estabelecido entre criação literária e realidade social. (...) Vale ponderar que a designação “literatura periférica” ou “literatura de periferia”, e seus correlatos “escritor periférico” ou “escritor de periferia”, são sinônimos utilizados pelos próprios escritores (sobretudo, quando vão se apresentar em outros espaços sociais que não a periferia) e por jornalistas para sintetizar as características dessa produção literária ou a condição socioeconômica dos autores envolvidos. (2003, p.124)

A autora ainda nos chama a atenção ao problema destes textos serem vistos apenas como uma “manifestação de um grupo social”. Para ela, é preciso ser levado em conta que “os escritores apresentam seus textos como literatura e assumem a identidade profissional ligada a esta atividade artística.”. (2003, p. 167)

No caso dos escritores da periferia, a relação de proximidade entre o real e a literatura é acentuada pela exploração de elementos documentais, descritivos e biográficos, e pelo próprio valor de autenticidade que é agregado aos seus textos. Entretanto, o que parece estar em jogo para esses escritores é a possibilidade de que a realidade produzida na literatura, ou a matéria-prima que inspira as suas criações literárias, esteja associada a espaços e sujeitos marginais, ou, mais recorrentemente, ao espaço social da periferia. (NASCIMENTO, 2003, p.167)

Como dito anteriormente, a periferia de hoje não é a mesma de ontem. Com a literatura marginal, esta mudança foi ocorrendo com o decorrer do tempo. No Brasil, na geração de poetas marginais dos anos 70, por exemplo, estes eram representantes das

camadas privilegiadas e estavam ligados ao campo das artes e os grupos que reuniam estes intelectuais eram: *Frenesi*, *Nuvem Cigana*, *Folha de Rosto e Vida de Artista*. Os seus textos tinham como características a linguagem coloquial, pequenos fragmentos em prosa, poesia versada ou discursiva, apelo visual com a utilização de desenhos, fotos e quadrinhos, tom irônico, uso de palavrão, temas relacionados à vida cotidiana e à prática social da classe média da época. O público consumidor, normalmente, era das classes privilegiadas da sociedade e – naquela época – houve um grande rompimento com as vanguardas, como o concretismo. Já na nova geração de escritores marginais, os representantes são das classes populares e moradores de bairros das periferias urbanas. Sua linguagem é coloquial, há um apelo forte para fotos (nos livros) e grafites (nas revistas) e os temas recorrentes estão voltados à vida e prática dos membros das classes populares; aos problemas sociais como violência, carência de bens e equipamentos culturais, precariedade da infraestrutura urbana. As formas em que são expressas estas histórias são, em geral, poemas e contos. Em suma, a geração atual não se filia a nenhuma tradição específica literária, mas aos editoriais das revistas *Caros Amigos* do início dos anos 2000.

Desta forma, destaco a importância da *literatura marginal*, pois a mesma provém e trata de homens e mulheres que não estão no centro e precisam ser reconhecidos nos variados espaços das letras e da produção cultural pela qualidade e diferença que trazem para as estéticas contemporâneas. Para compreendermos a sociedade em que vivemos, convém escutar todas as vozes.

1.3 A LITERATURA ANGOLANA E A VOZ DOS MUSSEQUES

Como dito anteriormente, “Periferia é periferia em qualquer lugar do mundo”, e temas como exclusão social tem sido recorrentes na literatura, principalmente na literatura angolana, que tem sua história intimamente ligada à história da imprensa e do jornalismo angolano, não só porque este foi veículo das primeiras produções literárias pré-angolenses, mas também porque nele se apresentou um nacionalismo nascente que passaria a servir de suporte à *angolanidade*, esta que seria “um conjunto de caracteres e das maneiras de pensar, de sentir e de se exprimir próprios dos angolanos”.

Após a chegada da imprensa à colônia e na sequência da criação do *Boletim Oficial de Angola* em 1845, pelo governador Pedro Alexandrino da Cunha, que recolheria colaboração literária e vates e ficcionistas dispersos pelo território, desenvolver-se-á uma relativamente abundante imprensa livre (por não ser da iniciativa do governo), que marcaria a vida sociocultural de Luanda, na segunda metade do século XIX. (CRISTÓVÃO, 2005, p.615)

O primeiro órgão de imprensa livre foi criado por volta de 1855/1856, seu nome era *Aurora* e foi fundado por Ernesto Marecos. Este é autor do poema histórico intitulado: *Juca, a Matumbolla* (1865). A partir de 1800, muitos jornais tiveram destaque, como *Jornal Loanda* (1879), de Alfredo Troni, o *Echo de Angola* (1881), o *Pharol do Povo* (1883), de João da Ressurreição Arantes Braga, o *Arauto Africano* (1889), entre outros. Esses tiveram grande importância, pois - segundo especialistas da literatura angolana - falavam do povo, dos “filhos do país”. Em *Espondaneidades da Minha Alma* (1849), de José da Silva Maia Ferreira, há este sentimento de *angolanidade*. No século posterior, aproximadamente nos anos 50, esta ideia retornaria mais forte a partir do grito do *Vamos Descobrir Angola*, do *Movimento dos Novos Intelectuais* ou da *Geração da Mensagem*.

Desta forma, observa-se que a história recente de Angola está intimamente ligada à sua literatura. E na gênese desta literatura angolana já se observa a relação entre o colonizador e o colonizado. Um exemplo disso é o “mesticismo linguístico” que - a partir do século XVIII - começa se acentuar em Angola. Nesta época já se observa um estágio bastante avançado de aculturação.

A temática da cor, nesta fase do processo de formação literária angolana, autoriza-nos certamente a concluir que factores novos terão surgido no ambiente sociocultural de Angola, alterando as condições aí existentes até, pelo menos, meados do século XIX, como o aguerrido jornalismo político dos “filhos do país” também o confirma, apesar dos esforços de alguns órgãos, como o *Jornal de Loanda*, para não alimentar polémicas, veiculando, antes, colaborações de natureza mais cultural. (CRISTÓVÃO, 2005, p. 616)

Cabe salientar que, no século XIX, a educação em Angola passa a se tornar mais abrangente; naquele momento, ela começara a se estender à população africana urbanizada que se aglomerava em Luanda e Benguela, em lugares que hoje chamamos de *musseques*. Contudo, o ensino oficial escolar - neste país - teve início nos séculos anteriores através dos padres católicos portugueses que se empenharam não só em divulgar o cristianismo, mas também a língua portuguesa; sendo que, antes do século XIX, o ensino oficial estava voltado para os colonos portugueses e assimilados. Ou seja,

a educação em Angola não estava ao alcance de todos. Estava apenas voltada para uma minoria de europeus abastados para a burguesia africana que frequentava aglomerados da população colonial e podia desfrutar das instituições privadas de ensino. *OLiceu Salvador Correia*, por exemplo, era frequentado por filhos dos grandes proprietários europeus. A tentativa de democratização do ensino só viria mais tarde pelos nacionalistas angolanos militantes dos movimentos de libertação nacional (MPLA, FENLA e UNITA). Entende-se MPLA como “Movimento Popular de Libertação de Angola”, FENLA como “Frente Nacional de Libertação de Angola” e UNITA como “União Nacional para Independência Total de Angola”. Contudo, hoje, percebemos que este sonho de “escola para todos” ainda não é realidade, algo que observamos principalmente em locais menos privilegiados, como os *musseques* –em que muitas crianças estão expostas à marginalidade.

A colonização de Portugal sobre Angola fez com que por algum tempo os ideais republicanos dos *filhos do país* fossem “abafados”. Porém, em 1950, houve uma retomada do “espírito libertador” dos velhos intelectuais de Angola. Os jovens estudantes do *Liceu Salvador Correia*, de Luanda, apoiados por outros angolenses, fundaram o *Movimento dos Novos Intelectuais de Angola*. Entre 1951 e 1953 houve a publicação dos três números em dois volumes da revista *Mensagem – A Voz dos Naturais de Angola*, que congregava toda esta geração que tinha o intuito de redescobrir a *angolanidade*.

Estes movimentos articulavam com a *Casa dos Estudantes do Império*, em Lisboa, e com o Centro de Estudantes Africanos criado em seu seio. Nesta época surgiram escritores importantes, como Viriato da Cruz, Agostinho Neto e António Jacinto. Viriato da Cruz é conhecido como *poeta do evocacionismo*. Segundo muitos especialistas, ele foi quem melhor interpretou a *angolanidade*.

Esse evocacionismo simboliza poeticamente o regresso às origens da Angola culturalmente mestiça, onde a infância dos meninos africanos não era violentada pelos germes de um progresso alienante e demolidor de valores éticos e estéticos. São exemplos acabados desse evocacionismo os seus poemas: *Mamã Negra*, *Makézú*, *Sô Santo*, *Serão do Menino* e *Namoro*. No primeiro texto mencionado, vemos Viriato da Cruz como poeta da diáspora negra, que foi também uma diáspora dos angolanos; no segundo, pomos em destaque o conflito das gerações, a mudança dos tempos, a imersão do tradicionalismo pelo progresso colonial; no terceiro, voltamos á temática da mudança dos tempos e à alienação destruidora de um angolano que se deixou encantar pelas sereias da “civilização” colonial; no quarto, constamos a evocação da oratura que serve ao poeta para, em jeito de fábula, criticar a opressão; no quinto exortam-se as virtudes da africanidade. (CRISTÓVÃO, 2005, p. 617)

Agostinho Neto é considerado o “poeta evangelista”, grande líder pela luta da independência de Angola, sua poesia é praticamente toda reunida em *Sagrada Esperança* (1974). Este é considerado “um apostolado pela causa da liberdade do povo angolano”. Os problemas do homem negro são apresentados. António Jacinto é o terceiro nome da geração *Mensagem*. Ele – em suma – expressa todo o seu militantismo político. Para muitos, a sua poesia vive um pouco da obsessão da transformação no Outro, isto é, há nela uma espécie de ânsia em ser negro, apagando quaisquer referências ideológicas, ou outras, europeias, ou melhor, brancas.

Mais tarde surgira a geração conhecida como *da Cultura*, esta que é essencialmente dominada pela narrativa, diferentemente da geração anterior. Era necessário sair da denúncia e partir da acusação. Logo, o discurso da geração *da Cultura* era considerado “agressivo”. Cabe lembrar que a época em que surgiu este movimento era de efervescência, visto que Amílcar Cabral havia criado o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde). Esta era uma época em que muitos países africanos estavam na luta pela libertação do jugo colonial. Muitas destas ideias – como dito anteriormente – surgiram na *Casa do Império*. Neste local, por exemplo, Agostinho Neto e Amílcar Cabral mantiveram contato. Nesta época, a literatura – em especial – sofre muitas modificações. Os escritores angolanos apropriam-se da língua do colonizador e fazem dela uma arma contra o sistema colonial. A fusão da língua materna com a língua portuguesa acaba gerando algo original. O discurso é o “separatismo linguístico” que advinha do “separatismo sociopolítico”. Os escritores angolanos, neste período, tiveram forte influência do romance nordestino brasileiro. *Grande Sertão: Veredas* e *Sagarana*, de Guimarães Rosa, serviram de inspiração para Luandino Vieira, grande escritor angolano.

Luandino Vieira produziu praticamente todas as suas obras até a independência de Angola (1975) e a sua ficção é dominada pelas tensões político-sociais resultantes dos agravamentos das relações humanas entre colonizador e colonizado, com o regime colonial a tornar-se cada vez mais opressivo. Vieira foi um dos escritores que melhor soube escrever sobre os *musseques*. *Nosso musseque* (2003), por exemplo, segundo o pesquisador Gustavo Henrique Ruckert, “insere-se na tradição do romance, mas, ao mesmo tempo, a inova ao utilizar aspectos da poética oral africana em sua composição.” (2013, p. 10). Esta obra foi escrita no período que Luandino Vieira estava na prisão, durante a década de 70. Nascido em Portugal, ainda pequeno mudou-se com a família para Angola. Logo, ele considera-se um escritor angolano. Lutou junto ao MPLA –

Movimento Popular de Libertação da Angola – contra o domínio português acaba contribuindo para a criação da República Popular de Angola. Foi preso inúmeras vezes. Uma pela PIDE, em 1959, e outra em 1961. Na prisão, ele produziu grande parte da sua obra, dentre as quais a mencionada anteriormente. Após receber a liberdade foi para Lisboa e somente em 1992 regressa a Angola. Mais tarde, retornaria para Portugal novamente. O célebre livro *Luuanda (1963)* teria sido consagrado ao Premio Camões, o qual recusa. *Nosso musseque* é uma obra que foi publicada somente no ano de 2003 – quarenta anos depois de ser escrita. Nela existem muitas histórias, narradas em primeira pessoa, a partir da memória do narrador e por consequência existe um retrato físico, paisagístico e humano do próprio *musseque*. Carmindinha é a jovem costureira; Capitão Abano, marinheiro de cabotagem; Sô Augusto, o electricista, derrotado pela vida e convencido de que a pode derrotar com o seu famoso livro; Albertina, a prostituta branca do *musseque*, que vende e dá amor às mãos largas; Zito, o endiabrado conquistador compulsivo – estes são apenas alguns dos personagens que nos remetem a imagem da periferia retratada através de “tipos sociais”.

A periferia retratada por Luandino Vieira é o retrato da década de 40.

Com a valorização do café e o desenvolvimento do comércio, há um surto populacional em Angola, o leva à expansão da construção civil. Entretanto, esse crescimento se dá sem infraestrutura adequada, sem planejamento e sem oferecer respostas ao processo de urbanização que o aumento da população exigia. Assim, à medida que a cidade crescia, os moradores dos musseques mais próximos do centro eram empurrados cada vez mais para a periferia. Muitos cubatas desapareceram, e seus moradores foram engrossar outros musseques. (...) Oprimidos e rotulados, os habitantes eram considerados a escória. (DUARTE, 2014, p. 163)

Anteriormente ao livro *Nosso musseque*, Luandino ainda escreveu o livro *Vidas Novas*, em 1962, cujo cenário também era a região dos *musseques*. Esta obra é dividida em oito contos e neles o falar do angolano – na periferia - é expresso, no texto, através das palavras oriundas do quimbundo ou em palavras de um português “angolanizado”. A época é um período em que houve a explosão da guerrilha pela libertação. No conto “Dina”, que compõe este livro, a protagonista da história leva o título da narrativa. A mesma mora no *musseque* e a sua vida é coberta de tristeza. Dina tem vinte anos e é órfã desde os cinco anos de idade, pois seus pais foram mortos pelas tropas. Assim, ela foi criada pela madrinha, esta que a incentiva prostituir-se – “deitar-se com a tropa”. Mabumda acredita na ascensão social da afilhada, através do casamento de Dina com um homem branco: “um bom branco, como ele [Tonho, homem que prostitui Dina] te

pode dar mesmo casamento” (VIEIRA, 1985 [1975], p. 18). Contudo, observamos na trama todo o incômodo da mesma com a situação:

A protagonista sente “nojo” ao prostituir-se, mas é com as “tropas” militares portuguesas que esse sentimento que a acomete se manifesta, inclusive fisicamente: suas “mamas ficavam rijas e a pernas apertavam o homem [...] que depois, zangado, punha queixas na velha. [...] no corpo não aceitava mais esse cheiro de sola, de suor da tropa [...]” (VIEIRA, 1985 [1975], p. 16).

Ao decorrer da história, Dina toma consciência e para de prostituir-se. Para o professor Rogério Guimarães, atualmente pesquisador associado do Laboratório de Estudo das Diferenças e Desigualdades Sociais (LEDDES/UERJ) e do Laboratório Tempo Presente (UFRJ), na Revista Eletrônica Tempo Presente, diz que essa iniciativa demonstra que:

a temática desenvolvida pelo autor foi a tomada de consciência — “um bicho que não conhecia” — da personagem e depois, em consequência disso, a sua mudança de postura: passa a resistir — “Nunca mais! Juro! Com estes gajos, nunca mais!” — para que possa vislumbrar uma identidade que não fosse determinada pelo jugo colonialista.²

Além de Luandino Vieira, outros escritores angolanos surgiram na década de 60, na literatura que tinha um compromisso com um ideal político. Apesar de um período intitulado como *do Silêncio* – designação adotada para escritores que se revelam pelas décadas de 60 e 70 e que procuram se deter na forma, de modo a esconder a mensagem social, a fim de não serem censurados –, mais tarde viriam nomes como o de Pepetela, na década de 80, considerado uma das grandes revelações da modernidade literária angolana com obras como *Mayombe* (1980). Talvez um dos pontos mais relevantes desta narrativa seja a importância histórica da mesma, visto que ela foi escrita na década de 70 e é tida como o único documento escrito que legitima a presença do MPLA em Cabinda. Conta-se que, antes de publicar a obra, ele mostrara para Agostinho Neto, e antes de publicar qualquer obra, ele se perguntava se a mesma serviria aos inimigos. Pepetela, recebedor do Prémio Camões, também escrevera sobre o cotidiano – mais especificamente sobre os *musseques*, mesmo que de forma mais sutil, se comparado a Luandino Vieira. No livro *O tímido e as mulheres*, de 2003, por exemplo, percorremos Luanda nos dias de hoje e o grande conflito das elites e dos moradores dos *musseques* é confrontado. Contudo, esta crítica não é feita de forma dura, mas sim de uma forma mais leve, diferentemente dos primeiros livros que ele escreveu. Na entrevista para o

²http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=4975:luandino-vieira-a-resistencia-nos-musseques-1962&catid=40&Itemid=127

jornal *O Globo* em 2014, Pepetela afirma que no início a sua literatura serviu com um farol para iluminar o rumo das coisas e, com o tempo, a sua preocupação mudou. Ele diz que o que eles queriam era mais do que a independência, eles almejavam uma sociedade diferente com menos injustiças e desigualdades sociais, coisas que não foram possíveis de ser conquistadas ao longo do tempo. A cidade e o asfalto continuam distantes.

1.4 A LÍNGUA NATIVA ANGOLANA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA NA LITERATURA

Angola é um país pluriétnico e multicultural, e devido a isso acabou se tornando um país plurilíngue, constituído por línguas (e não dialetos) de origem não bantu: khoisan (hotentote, vakankala) e vatwa; de origem bantu: cokwe, kikongo, kimbundu, ngangela, olunyaneka, oshihelelo, oshindonga, oxikwanyama e umbundu (e respectivas variantes); e de origem neolatina: português. A implantação da língua portuguesa no território angolano criou uma situação de bilinguismo-afro-europeu no seio de uma realidade multilíngue já existente. Com o passar do tempo, a política linguística colonial procurou repreender o ensino das línguas faladas pelos grupos étnicos, porém em alguns territórios ela não conseguiu fixar-se, principalmente nas zonas rurais, permanecendo as línguas nacionais intactas e vivas. Cabe salientar que apenas com a independência do país é que essas línguas adquirem o estatuto de línguas nacionais podendo assim ser utilizada nos veículos de comunicação e expressão, coexistindo com a Língua Portuguesa. Dito isso, é possível observar que – atualmente – embora as línguas faladas em cada grupo étnico sejam consideradas maternas da maioria da população, observa-se que a língua portuguesa é, no entanto, a língua materna de muitos angolanos. Desta forma, em Angola, ocorreu uma grande fusão entre as línguas, prova disso são as palavras: *camba*, *cota*, *caçule* ou *bazar*, que provêm dos vocábulos kimbundu, *dikamba* (amigo), *dikota* (mais velho), *kasule* (o filho mais novo) e *kubaza* (fuzir).

Contudo, a língua literária, em Angola, distinguiu-se sempre pela presença das línguas locais, expressamente em diálogos ou interferindo fortemente nas estruturas do português. Embora quase exclusivamente em quimbundo e umbundo, para além das várias traduções de obras literárias do português para as línguas nacionais. No livro de João Melo, por exemplo, é possível ver isso:

Como eu não sou muito dado a floreios e – digo mesmo minha verdade! – prefiro a prosa rápida e rasteira, adianto já que Charles Dupret acabará esta estória completamente malaico(para quem não sabe *malaico* é um adjetivo introduzido pelos caluandans no português de Angola e que eu prefiro à insossa e um tanto efeminada a palavra “doido”. (2008, p. 60)

Desta realidade multiétnica e multicultural facilmente se depreende um alargamento cada vez maior do plurilinguismo, o que contribui para um enriquecimento do mosaico sociocultural que é a realidade angolana.

1.5 OS MUSSEQUES DE JOÃO MELO

Ao propor a análise do livro *Filhos da Pátria*, de João Melo, entendemos que pode ser considerada uma “fusão” do espírito crítico de Luandino ao escrever sobre a periferia de Angola e do “humor inteligente” que Pepetela utilizou para ironizar a prepotência da classe média ao ignorar os pobres. *Filhos da Pátria* é o terceiro livro de contos deste escritor angolano, no qual é apresentado o destino do povo angolano dentro do sistema capitalista instaurado em Angola na Pós-independência. Ao todo são dez contos e todos eles possuem personagens que se verificam em algum momento – da história - numa situação de marginalidade. Não é à toa que a pergunta que permeia o livro – de forma geral – é: “Como é que chegara até ali?” No fundo, esta é a pergunta de João Melo sobre como Angola chegara à situação em que está. Todos os contos de certa forma, falam sobre a periferia angolana, seja no conto “Tio, mi dá só cem”, no qual um menino está exposto à marginalização, ou no conto “O Cortejo”, em que a elite angolana é apresentada por Melo – afinal alguém sustenta as elites, não é mesmo? Enfim, todos os contos levam a crer que os personagens estão fazendo algo do qual não gostariam – estão se sujeitando a alguma coisa – a fim de sobreviverem.

Dentre os contos que falam sobre a periferia angolana, merecem destaque: “Tio, mi dá só cem” e o “O feto”. O primeiro inicia com a fala do menino: “Tio mi dá só cem, só cem mesmo pra comprar um pão, tô então com fome, inda não comi nada desde antesdntem” (2008, p. 27). Após isso, ele começa a contar a sua história, a descrever o que tem observado nas ruas e a lembrar do momento que ele saiu do mato – região que designa a zona rural de Angola – para Luanda. Cabe salientar que o ritmo da narrativa é acelerado, o que talvez possa nos sugerir que ele esteja alterado ou quem sabe desesperado por estar com fome. Outra característica importante é a mistura, no texto de João Melo, do quimbundo com a língua portuguesa – o que mostra a tentativa do autor

em mostrar a realidade dos moradores que viviam nos *musseques*. O curioso é que o próprio termo *musseque* - grafia aportuguesada – é originário do quimbundo, sendo etimologicamente constituída pelo prefixo “um” (lugar) e pelo radical “seke” (areia). Segundo especialistas, o mesmo é utilizado para designar os aglomerados de cubatas construídas nestas áreas por indivíduos expulsos da cidade [centro] devido à expansão urbana ou pelos novos migrantes. A expressão *musseque* ganhou sentido pejorativo ao qualificar os moradores dessas localidades por seu baixo nível econômico e social. E daí o seu derivado *mussequeiro*: pessoa de baixa condição que habita no musseque. Neste conto, ainda pode ser destacada a prostituição dos meninos e das meninas, “os outros miúdos mi caçambularam o ferro que um muata me deu, eu lhe vi quando ele chegou com a garina, parecia então filha dele, ou neta, sei lá, meteu o carro bem lá no fundão perto das pedras”. (2008, p. 27) Ao longo da narrativa, ele também fala que precisou se prostituir. Em seguida, ele lembra como vivera no *mato* e como era feito o ensino nesta região. O menino tinha estudado até a quarta série e a mesma não difere da de muitos angolanos que, assim como ele, possuem baixa escolaridade. Dados apontam que, nas regiões dos *musseques*, o grau de estudo dos indivíduos é baixo.

eu sei contar tio, também andei na escola, cheguei até na quarta, a, bê, cê, dê, um, dois, três, quatro, num é assim tio, é assim sim senhor; não ri, foi o meu professor é quem disse, lá no mato adonde eu estava antes de vir aqui em Luanda como deslocado, uns dizem que é deslocado, outros porque é refugiado, essas palavras nós no mato na nossa mesmo nunca que lhes vimos. (2008, p.27)

Contudo, como nos revela o início do conto, nosso herói está com fome e a todo momento ele sugere isso. Quando a Juventude Verde o aborda para falar sobre os problemas ambientais, ele ri, porque para ele isso não é tão importante quanto a sua vontade de comer. A fome dele e dos outros meninos é tão grande que ele chega a pensar em matar esses meninos para se alimentar. Porém, ele desiste e afirma que “é melhor voltar a vasculhar os nossos contentores.” (2008, p. 28). Os contentores são os lixos, a miséria é tanta que ele se contenta em alimentar-se de restos.

Às vezes mesmo encontramos coisas boas, carne de vaca moída que até não é preciso lhe mastigar mais, é só engolir w pronto, pedaços de pão todos emburcados parece levaram tiros, latas de cerveja, latas de gasosa, latas de sardinha, latas de atum, latas de feijão, latas de frutas, latas de doces, tantas latas, que eu acho que o mundo é uma grande lataria, o problema é só os ratos, os cães, os gatos, os sacanas são mesmo atrevidos, temos de lhes dar berrida, outro dia o Filipe disse esses filhos da puta estão-nos a fazer

concorrência desleal, eu ri só, muito embora que não sei o que é desleal. (2008, p.28)

Logo, o menino se põe na condição de bicho, ele mesmo, no decorrer da narrativa, não entende como fora parar ali e – em um dos seus momentos de lucidez – apesar de ter “cheirado gasolina” a tarde inteira, lembra com carinho da família que não vira mais desde que veio do *mato*. Este sentimento veio quando ele foi assaltar o *muata* que estava com a menina no carro; quando olhava para ela, pensava que podia ser sua irmã. Então, a linguagem crua de Melo dá espaço a algo mais brando, principalmente quando ele lembra dos irmãos:

um dia lá em Chitepa estava eu mais os meus dois irmãos menores, eu olhei pra eles e disse qualquer dia vou em Luanda ver o mar, eles riram pois sabiam o nosso velho jamais que ia deixar, mas nesse dia entrei no avião do PAM como refugiado, ou deslocado, sei lá, vim mesmo aqui em Luanda, o meu pai ninguém tinha notícias dele. (2008, p. 32,33)

Como dito anteriormente, a história dos *musseques* está relacionada ao êxodo rural. Contudo, inicialmente o surgimento dos *musseques* está ligado à história de Luanda. No primeiro momento estes lugares estavam associados a quintais, no qual os traficantes de escravos acumulavam indivíduos para exportação. Com o tempo, esta região foi sendo povoada por africanos e escravos libertos. A evidência disso é o fato de muitos ex-escravos conservarem o nome do seu antigo proprietário, o que era muito comum na época da colonização. Contudo, com o passar dos anos, estes espaços foram se “desmembrando”. A diferença entre os *musseques* se dá em função de sua antiguidade e de sua localização. Uns se originaram em bairros mais urbanizados, porém os mais recentes encontram-se mais afastados da cidade. A expansão da população está relacionada com a expansão da cidade, com o crescimento populacional de Luanda.

O ritmo de crescimento populacional de Luanda foi lento até 1940. A partir daí, ou mais precisamente, após o término da Segunda Guerra Mundial, com a melhoria da situação econômica da Província e, sobretudo, com a subida das cotações do café na década de 1950, assiste-se a um surto de crescimento de progressão geométrica. Assim, em 1940, a população de Luanda era de 61.028 habitantes, na década de 1950 passou a contar com 141.647 e, no início da década de 1960, sua população era de 224.540 pessoas (AMARAL, 1968, p. 63).

O menino que saiu em busca dos seus sonhos se vê com uma arma na mão. Nosso filho da pátria não aguenta e acaba matando o *muata*. Porém, ficamos em dúvida se ele

queria realmente matar o muata ou todo o sofrimento dentro dele. No primeiro momento, a menina não reage bem à atitude dele, pois ela estava imersa numa realidade tão complexa que a fizera crer que a sua situação de vida mudaria se ela engravidasse de um branco. Contudo, o choro da menina – no momento seguinte - demonstra também alívio numa situação tão desesperadora. O desespero é dele, ou melhor, do que ele carrega ao saber que violentaram sua mãe, mataram seu pai, mataram seus sonhos. Certo dia, ele vai para a praia e leva a menina. Lá, eles brincaram no mar, mantiveram relações sexuais, enfim, desfrutaram do mundo. Contudo, a vida não é um conto de fadas, e num certo dia ela acaba indo embora sem se despedir. Novamente, ele encontra-se sozinho. Parece que a vida não sorrirá para este filho, o que lhe resta é a saudade. Saudade de casa, da família, enfim, do que não vivera e nem viverá. Destino trágico para o nosso herói de Luanda.

Ainda neste livro, nos deparamos com a triste história da personagem central do conto “O feto” que revela a sua trajetória de vida, a partir do “feto” encontrado no lixo que, por sinal, era seu filho.

É verdade mesmo, esse feto que está aí no chão esvaindo-se totalmente no meio do lixo era meu mesmo sim senhor, pra que vou mentir então, não preciso, eu não queria esse canuco, seria mais um só pra me atrasar a minha vida, além disso quem é mesmo o pai dele, não sei, eu sou puta, fodo com todo mundo, brancos, pretos, mulatos, filipinos também, a minha mãe mesmo é que me mandou na rua mas não vale a pena lhe condenar só à toa, aqui mesmo no nosso contexto quem é que poder atirar pedradas nas costas dos outros ... (MELO, 2008, p. 147)

A partir daí, somos envolvidos pela história da personagem que nos conta como ela veio do *mato*, interior do país angolano, assim como o personagem do conto “Tio, mi dá só cem”.

É melhor mesmo voltar na nossa casa no mato, mas como se a nossa casa no mato não tem mais, desapareceu com os meus irmãos, só tivemos mesmo tempo de carregar algumas imbambas, fugimos, cada um foi pro seu lado, tipo bichos, mas a minha mãe nunca que me deixou, o meu pai lhe encontramos mais à frente, olhamos pra trás e vimos fogo a subir, a subir, andamos à toa até que demos encontro na patrulha, nos receberam bem, mas às vezes penso que era melhor se nos tivéssemos perdido, morrido, desaparecido com os meus irmãos, como a nossa casa lhe queimaram na guerra, desaparecer é pior do que morrer mas é melhor mesmo que estar a sofrer agora ... (MELO, 2008, p. 148)

Ainda na narrativa, ela relata como tinha se tornado prostituta. Ao longo da história, percebemos que este foi o modo que ela encontrou de sobreviver à miséria que

ela e a sua família faziam parte, prova disso é o incentivo da mãe para que ele se prostituísse.

filha é melhor você começar a tua vida, denoite começa a ir na cidade, arranja uns homens, traz algum dinheiro pra gente comer, é melhor, filha, é melhor, eu tinha treze anos, quase não tinha chuchas, os homens gostaram de mim, brancos, pretos, mulatos, tudo, primeiro fiquei na Ilha mas não gostei, tenho medo do mar, fui na Baixa, não gostei, tem muita luz, depois no Trópico, também não gostei, tem muita confusão, por último me fixei mesmo perto do Largo da Maianga, gostei, lá não tem muitas putas, é mais calmo, alguns homens ficam menos envergonhados pois ali ninguém lhes vê, tem muitos carros parados, tem árvores, apreço assim eles estão à espera da mulher ou da namorada ou de algum amigo mas nada, estão mesmo à procura de putas. (MELO, 2008, p. 148)

Assim, o desfecho da história é feito por meio da cena inicial, em que o ato da menina jogar o “feto” no lixo gera grande repercussão na mídia. Contudo, o que a levou a fazer isso não é questionado, os desafios que a mesma enfrenta no dia a dia também não. Desta forma, percebemos a crítica ao governo, por parte do escritor João Melo, que mostra a “dura” realidade que vive o cidadão angolano. O desejo da personagem central do “O feto” não é apenas voltar para o interior de Angola, mas de querer nascer de novo. Recomeçar, mesmo que a realidade se mostre impossível. Afinal, todos e todas possuímos sonhos.

tanta gente aqui, mãe, o bairro está todo aqui, o que é que estão a dizer esses zongolas, por que que a rádio e a televisão estão a conversar com eles, o que é fazer aqui estes padres e estes brancos das ONG'S, a polícia veio me prender, mãe, a polícia veio me prender, eu não quero ser cangada, não deixes, mãe, eu só quero paz, quero sentar-me no teu colo e adormecer como antigamente quando estávamos no mato antes da guerra chegar, quero sossego e tranquilidade, quero regressar de novo para o interior da tua placenta, mãe. (MELO, 2008, p.155)

CAPÍTULO 2 - ANGOLA PÓS-INDEPENDÊNCIA, SOB O OLHAR DE JOÃO MELO, NO LIVRO *FILHOS DA PÁTRIA*

“Quem não conhece (e não assume) o seu passado torna-se presa fácil dos presdigitadores do presente”, diz o narrador do conto “O elevador”, do livro *Filhos da Pátria* que conta a história de um homem chamado Pedro Sanga que – assim como o seu companheiro Soares Manuel João – luta pela independência de Angola, porém mais tarde acaba se corrompendo pelo sistema capitalista. E é por meio da memória de Pedro, que está no elevador indo conversar com seu antigo parceiro de guerrilha, também conhecido como *Funge com pão*, que a história de Angola nos é apresentada.

“O elevador”, assim como os outros contos da obra, conta a história de alguém inserido no contexto pós-colonial angolano, porém cabe salientar que o passado colonial ainda se faz presente, principalmente do ponto de vista histórico, pois a independência de Angola é considerada recente. Desta forma, para que possamos refletir sobre a Angola Pós-Independência, precisamos entender os passos que motivaram e acabaram resultando na luta pela tão almejada independência ocorrida, em 1975. Logo, é preciso compreender toda a ânsia pela libertação nacional que não ocorria apenas em Angola, mas também em outros países africanos, principalmente os de expressão portuguesa que tiveram a sua libertação num momento posterior ao das outras colônias que não estavam sob o domínio português.

A Literatura Africana – em geral – nos ajuda a compreender a identidade dos povos de língua portuguesa. Com um olhar mais atento à Literatura Angolana, vejo que escritores como Agostinho Neto, Luandino Vieira, Pepetela, Agualusa, Ana Paula Tavares, Ondjaki, João Melo entre outros, nos ajudam a adentrar no universo angolano, esse que é complexo e difuso. Angola nos tempos de hoje é ainda mais complexa, como nos expusera Pedro Sanga, no conto de Melo, ao refletir que: “os tempos de Angola (e no mundo) estão muito difíceis e confusos.” (2008, p.11) Assim, a Literatura acaba servindo como uma válvula de escape para a sociedade, e aquele que a escreve nos impulsiona a refletir sobre o contexto do seu país.

João Melo, como dito anteriormente, é um autor que tem seus livros publicados num período Pós-Independência. No livro *Filhos da Pátria*, sua linguagem é irônica e esta ironia acaba sendo uma forma de desnudar os defeitos da sociedade em que ele vive. O conto “O efeito estufa” é um exemplo. Nele, o narrador acaba provocando o riso quando fala das características de Charles Dupret, que defende que: *Angola é um país*

de pretos e que ele seria o *único estilista angolano*, “como se isso acrescentasse alguma coisa à criatividade dos seus desenhos” (2008, p.62), dizia o narrador num tom irônico:

Como, igualmente, toda a narrativa tem as suas armadilhas, tentarei não cair na fácil tentação dos chavões. Não afirmarei, por conseguinte, que Charles Dupret era um esposo dedicado e fiel, um pai atento e sempre bondoso e um chefe de família exemplaríssimo, como são todos os mortos, até porque ele apenas ficou completamente cacimbado, mas, que eu saiba, não chegou a, como se costuma dizer, abandonar o mundo dos vivos. É só olhar a sua volta, que você encontrará uma data de Charles Dupret's, pretensamente poderosos na sua arrogância, mas terrivelmente patéticos todos eles... Também não o acusarei, obviamente, de antes de pirar ter sido um grande filho da puta, pois confesso que não cheguei a conhecer a mãe dele, pelo que não tenho nada contra nem a favor dela. (MELO, 2008, p.61)

Na obra *Comicidade e Riso* (1992), de Vladimir Propp, o autor nos mostra que o riso desmascara defeitos da vida interior. E, segundo ele, a contradição do cômico não está apenas fora ou dentro do sujeito, pois há relações entre algo que se encontra no sujeito que ri e algo do mundo que está ao seu redor. Assim, podemos refletir que a comicidade pode revelar a história de um povo. O significado de um riso é muito mais profundo do que parece.

Em *Filhos da Pátria*, João Melo nos convida a pensar sobre a identidade de Angola. Não por acaso, o autor escreve sobre a elite angolana, a periferia de Luanda e as questões raciais que envolvem o país. Estas questões estão imbricadas. Para entender a política e a sociedade desta pátria, o estudo das teorias pós-colonialistas se fez necessário, pois, elas ajudam a entender os efeitos políticos, filosóficos, artísticos e literários deixados pelo colonialismo nos países colonizados.

A palavra identidade possui inúmeros significados e, pensá-la como “consciência da própria personalidade”, é refletir sobre a nossa condição enquanto indivíduo. Contudo, essa consciência vem sendo “abalada”. Stuart Hall, sociólogo jamaicano, no livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (1992), entende que a discussão sobre identidade vem sendo intensificada nos últimos tempos e que “um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX.” (1992, p. 7). Segundo ele, isso estaria fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, etnia, raça e nacionalidade e essas transformações estariam “abalando” a ideia de que somos sujeitos integrados ocasionando uma grande crise no indivíduo. Recentemente, li alguns escritos da historiadora Thayane Lopes Oliveira, que ela escreve sobre a obra de Hall, citada anteriormente, e destaco o seguinte excerto: “a

identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (1992, p. 9).

Contrapondo o livro *Filhos da Pátria*, de João Melo, com a teoria de Stuart Hall, podemos perceber que a discussão da identidade angolana nos possibilita enxergar a crise identitária deste país que - em 2015 – completa 40 anos de independência. No meu trabalho de conclusão: *Quem foi a pátria que me pariu? A importância das Literaturas Africanas para a Construção da Identidade do Povo Brasileiro*, 2013, ainda destaco que:

Hall (1992) também afirma que existem três concepções de identidade, sendo elas: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo seria a pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, dotado das capacidades de razão, da consciência e de ação. É como se o sujeito nascesse de uma forma e continuasse essencialmente o mesmo. Quanto ao sujeito sociológico, esse seria o reflexo do mundo moderno cheio de complexidades, dessa forma essas complexidades teriam se transportado ao sujeito pós-moderno. (FELIX, 2008, p.26).

A complexidade dos personagens de João Melo revela o pensamento do povo de Angola, dos moradores de Luanda, estes que pertencem a um país que cresce economicamente – de forma satisfatória - a cada ano, mas continua sendo periférico dentro de um continente periférico. Então, relembramos a pergunta que permeia toda a obra *Filhos da Pátria*, “Como foi que chegamos até aqui?”. É preciso mergulhar na história de Angola, beber do mar de Benguela.

2.1 ANGOLA: UM PAÍS PERIFÉRICO NUM CONTINENTE PERIFÉRICO

Vieram muitos
à procura de pasto
traziam olhos rasos da poeira e da sede
e o gado perdido.

Vieram muitos
à promessa de pasto
de capim gordo
das tranquilas águas do lago,
Vieram de mãos vazias
mas olhos de sede
e sandálias gastas
da procura de pasto.

Ficaram pouco tempo
mas todo o pasto se gastou na sede
Enquanto a massambala crescia
a olhos nus.

Partiram com olhos de pasto
limpos de poeira
levaram o gado gordo e as raparigas.
(*O lago da lua*, Ana Paula Tavares, 1999)

Angola, país que hoje se encontra em ascensão no mercado, nem sempre teve este “poderio”. Seu crescimento ocorreu no século XXI, numa época de grande aumento de indústrias quando a guerra civil deu uma “trégua”. Enquanto colônia de Portugal, era muito diferente. Logo, é preciso abordar alguns aspectos socioculturais que influenciaram e influenciam o caminhar de uma nação. Não por acaso, citei o poema da escritora angolana Ana Paula Tavares, inserido no livro *O lago da lua*, pois entendo que este revela como a escritora enxerga o europeu, o colonizador no território africano. Segundo Margarida Calafate Ribeiro, a historiadora e poeta angolana:

é exemplar deste movimento de forma particularmente subtil e politicamente comprometida. Nela se trazem os sujeitos etno-culturais não valorizados pelo regime colonial – as mulheres e os homens dos bois do planalto de Huíla – mas importantíssimos na outra ordem do mundo que o mundo colonial não atingia; nela se trazem as línguas e a vozes de outros sujeitos, nomeadamente das mulheres, os gestos e os actos e os sinais produzidos por esse mundo outro, senhor de outras leis, de outros conhecimentos e de outros poderes que aparentemente o regime colonial parecia não ter tocado. E assim vozes, nomes, territórios, corpos são convocados em títulos de alguns dos poemas que vão desfilando à frente dos nossos olhos de leitores, como fotografias que vão dando rosto ao que antes só tinha um nome. Poemas que projectam o percurso da poeta ao longo de uma paisagem natural, social e humana que coloca sob suspeita os conceitos ocidentais de poder e conhecimento a partir de uma vivência múltipla de uma terra/ território sentido como terra-mãe que acolhe e integra os seus filhos, como uma casa-corpo que se torna o espaço íntimo do pronunciamento feminino capaz de revelar e de exercer um poder-

outro, por um conhecimento-outro imanente da relação com a própria terra e com as pessoas que a habitam. (RIBEIRO, 2008, p.95)

Assim, observamos que, para conhecer um país, é preciso ter o acesso àvidacultural do seu povo. A formação de Angola é muito heterogênea e estas diferenças provêm da complexidade que caracteriza as sociedades africanas. O continente africano, ao todo, possui mais de quinhentos milhões de habitantes distribuídos em 54 países, centenas de línguas, de culturas e de religiões. Desta forma, a África não pode ser vista de forma homogênea, como afirma Filho:

O continente africano não pode ser visto como portador de uma unidade e de uma identidade única. Com efeito, uma das características mais marcantes da África é a sua diversidade. Diversidade de povos, de culturas, de países, de paisagens, de sistemas políticos, de economias. Portanto, a generalização em matéria de África pode induzir a erros de avaliação, embora seja possível, naturalmente, identificar tendências, sobretudo porque a maior parte do continente passou um processo histórico até certo ponto semelhante. (dominação cultural e suas consequências, por exemplo) (FILHO, 2012, p.309)

Ao observarmos o território africano, vemos que grande parte está situada no hemisfério sul e que sua área é dominada pelo clima quente. Além dos egípcios, outros povos merecem destaque, como os bérberes, os bantos e os soninkés. O povo bérbere vivia mudando de lugar e tinha como origem o deserto do Saara. Segundo alguns pesquisadores, eles costumavam utilizar o camelo como transporte, e por serem nômades foram importantes para a troca cultural que ocorreu no norte do continente, pois recebiam informação de outras civilizações. Os bantos habitavam o noroeste do continente e o fato deles conhecerem a metalurgia ajudava-os na conquista dos povos vizinhos. O soninkéshabitavam a região sul do Saara e viviam da agricultura e da pesca. Jorge Euzébio Assumpção (2008, p.32) mostra que existem estudos que dividem os povos que não pertencem à “África branca” em dois grupos: os sudaneses e os bantos, sendo os sudaneses povos que apresentavam os Estados mais bem estruturados, através de Gana, Mali e Songai. Gana era conhecido como o “País do Ouro”, além das constantes trocas comerciais com os árabes, esta região era propícia para a expansão do islamismo. O Império do Mali foi o sucessor de Gana, o mesmo começou a se estruturar sob a liderança de SunjataKeita (1230 – 1255); o Império Songai foi o último, porém o mais poderoso dos estados sudaneses – segundo Assumpção.

Posteriormente, devido à expansão europeia – fortemente ocorrida em meados de 1500 –, o capitalismo começou a se desenvolver e muitas regiões que hoje

conhecemos como América, África e Ásia passaram a ser subordinadas por “nações fortes”- do ponto de vista militar e comercial - como Espanha e Portugal. Tania Maria Seggiaro Chagastelles observa que quando encerrada a primeira expansão europeia, ocorre uma desestruturação em várias partes do continente africano.

A Revolução Francesa e a independência das colônias americanas se fizeram em função da nova filosofia burguesa – o liberalismo. Este condena o sistema de exclusividade, consagra o livre cambismo, a livre concorrência e a liberdade para o trabalho. Generaliza-se uma atitude pragmática de liberdade comercial, enquanto o regime de escravidão passa a ter seus dias contados.

A África negra, embora preservasse o seu território de presença branca, fora corroída pela intensidade do tráfico negreiro a partir do século XV- estima-se em mais de 100 milhões de sangria de seus habitantes em apenas quatro séculos. (2008, p. 112)

A partir disso ainda, segundo Chagastelles:

O anticolonialismo era atitude comum não apenas a estadistas, como à própria opinião pública, que se agitava pela renúncia aos empreendimentos coloniais e em favor do self government (autogoverno). A era do ouro do liberalismo tem na Grã-Bretanha sua principal defensora, especialmente por ser a única nação industrializada e pelo fato de seus mercados não sofrerem séria ameaça de concorrência. (2008, p. 113)

Logo, o continente africano acabou se tornando parte do interesse europeu e sua partilha ocorreu de várias formas, seja por meio de atuação missionária tanto de católicos como protestantes, seja por intermédio de expedições científicas. Assim, “A Nova Expansão Imperialista” – nas regiões africanas – foi motivada a partir da Revolução Industrial que buscava novas fontes de energias nestes territórios de extrema riqueza natural. Não podemos esquecer que as rivalidades internacionais, assim como a propagação da ideia de que o homem branco é superior ao homem negro, foram acentuadas nesta época. No capítulo “Autenticidade angolana: as relações étnico-raciais, em Angola”, veremos que os estudos sobre raça foram fortemente desenvolvidos neste período.

Quanto ao processo de descolonização da *África negra*, pode-se afirmar que esse foi tardio. Paulo Vizentini afirma que a descolonização foi:

Relativamente controlada, pois as potências coloniais se anteciparam à radicalização dos protestos e puderam encaminhar as independências. Estudantes oriundos das elites locais foram enviados para estudos superiores nas metrópoles, a administração tornava-se paulatinamente africanizada e assessorada por técnicos europeus, enquanto a autonomia política era concedida progressivamente a uma burguesia nativa previamente cooptada. (2008, p.123)

Segundo Vizentini, os primeiros países que conseguiram independência foram os que mais lutaram contra o neocolonialismo. Gana é um exemplo disso. Este país tornou-se independente da Inglaterra, em 1957. Em 1960, estudiosos defendem ser este o “ano africano”, pois muitos países se tornaram independentes na África. Porém, é preciso salientar que essa transição não ocorreu tranquilamente em muitos países. Portugal, por exemplo, no início dos anos 1960, recusou-se a decretar a “libertação” de Angola e de Moçambique. Só quinze anos mais tarde é que esses países conseguem a tão sonhada independência.

Na África Portuguesa, após quinze anos, a luta armada também seria coroada por uma vitória. Em Moçambique, a guerrilha implanta-se no norte, na fronteira com a Tanzânia. (...) As pequenas colônias portuguesas da Guiné Bissau também independizaram-se com governos populares. A independência de maior impacto, entretanto, foi a de Angola, com maiores potencialidades econômicas e com expressiva minoria branca – o país dispôs-se de petróleo, ferro, diamantes, entre outros minerais estratégicos. A divisão e o confronto entre os três grupos que lutavam pela independência acirraram-se ainda mais quando da derrocada do fascismo português. (VIZENTINI, 2008, p.126, 127)

Porém, apesar do grande sucesso destes países na luta pela independência, como dito anteriormente, os conflitos ainda permanecem. Além da briga entre colônia e metrópole, cabe salientar os conflitos entre os próprios colonizados.

As rivalidades entre os distintos grupos haviam sido estimuladas pelos colonizadores como forma de dominação, e deixavam uma herança trágica, expressa no problema das minorias e do “tribalismo”, além do antagonismo entre assimilados à cultura europeia e não-assimilados. A ausência de médicos, engenheiros, administradores e professores somava-se a uma estrutura de classes fragmentada, nos marcos de uma economia controlada de fora (exceto as de subsistência). A precaríssima rede de transportes ligava apenas os enclaves exportadores aos portos, inexistindo qualquer integração nacional. (VIZENTINI, 2008, p. 125)

Patrick Chabal, cientista político francês estudioso do pós-colonialismo, nos ajuda a pensar sobre os movimentos de luta pela libertação dos países africanos nas décadas de 60 e 70. A respeito de seus escritos, podemos destacar o seu artigo: “O Estado pós-colonial na África de expressão portuguesa” (1993), que reflete sobre as diferenças entre a história da África portuguesa e a das demais colônias. Chabal afirma que três razões levaram os historiadores a centrar-se na singularidade da África de expressão portuguesa, sendo elas a história de Portugal, a história do domínio colonial e a descolonização portuguesa, ocorrida depois da descolonização realizada pela França e

pela Inglaterra. Complementando este pensamento, considero importante a tese do sociólogo Boaventura de Sousa Santos, que identifica no português a incorporação de traços dos colonizados – por meio do seu comportamento “de fronteira” ou “periférico”.

Em Angola, segundo historiadores, a chegada dos primeiros europeus ocorrera nos fins do século XV, quando o navegador Diogo Cão aportou à foz do rio Congo ou Zaire. Com o tempo, começaram a se acentuar os laços de independência do reino Congo em relação à Coroa Portuguesa. Outros reinos – mais ao sul – dependiam deste reino Congo, inclusive o do Ndongo, de cujos soberanos, os *ngola*, provirá o nome de Angola. Porém, a resistência desses reinos não durará muito tempo. Em 1700, os portugueses dominavam uma parte significativa do território – seu objetivo era manter abertas as rotas de “escravos-mercadoria” dominantes naquela época. Como dito anteriormente, no século XX, as lutas pela libertação passaram a se intensificar. Assim, podemos concluir que a história de Angola é resultado:

de uma operação histórica complexa, de muita longa duração, em que participavam africanos pertencentes a diferentes nações instaladas na região e europeus desde os finais do século XV, sobretudo portugueses, e mais tarde portugueses que se fixam no litoral atlântico entre a foz do rio Congo ou Zaire, a foz do Cuanza e as terras de Benguela e de Moçâmedes. (CRISTÓVÃO, 2005, p. 443)

Toda a complexidade histórica de Angola serve como enredo aos escritores angolanos. João Melo, consegue transmitir estes conflitos por meio de personagens emocionalmente confusos. Isso não deixa de ser o retrato da sociedade pós-colonial, imersa de incertezas. No conto “O elevador”, frequentemente mencionado neste capítulo, é curioso pensar que Pedro Sanga reflete num pequeno espaço de tempo, dentro do elevador, sobre os caminhos que fizeram ele e o país chegarem à situação em que estão. No elevador – este que segundo o narrador é “um dos artefatos que, para recorrer a expressão popular “o colono levou” – após a independência do país” – Sanga depara-se com uma mulher, que desperta o seu interesse não por ser bela, mas por vê-la como um ser estranho. A partir daí, a retrospectiva de sua história é comparada à lembrança do “passado” e do “presente” de Angola. Muita coisa mudara, a imagem da moça no elevador é o retrato dos tempos modernos.

No dia 10 de novembro de 1975 foi proclamada a independência de Angola pelo Governo Português, mas ela só foi efetivada no dia seguinte, no dia 11 de novembro. A partir dessa época, os partidos políticos MPLA, a UNITA e a FNLA, dão início a uma

guerra civil, que dura até 2002. Durante a guerra civil, houve um constante êxodo rural. Assim, a população que vinha do interior acabou se estabelecendo em lugares com pouca infraestrutura – como dito no capítulo “Periferia é periferia em qualquer lugar do mundo”. Nos contos “Tio, mi dá só cem” e “O feto”, do livro *Filhos da Pátria*, este espaço é retratado por indivíduos que saíram do interior em direção à área urbana, porque muitos tiveram suas casas queimadas. Neste espaço urbano, eles acabam sendo expostos à violência de um sistema democrático não consolidado.

Nas décadas de 70 e 80, inúmeros golpes militares e disputas étnicas impediram a continuidade política e, conseqüentemente, o desenvolvimento de muitos países africanos. Com Angola, isso não ocorreu de forma diferente. Ainda hoje, os conflitos – em sua maioria – são internos e eles têm como uma das principais causas a falência do Estado e as batalhas pelo controle do governo.

Dito isso, considero importante destacar os conceitos de Estado e Nação, pois os mesmos são importantes para o entendimento da formação do país angolano.

A definição pragmática do conceito de Estado implica a autonomia política de um território geograficamente delimitado. No entanto, a compreensão profunda desta noção reflecte outros mecanismos. A conjugação da noção de Estado com a de nação, embora complexificando a primeira, poderá clarificar dois posicionamentos distintos. Os conceitos de nação e Estado articulam, privilegiadamente, dois tipos de estruturas: por um lado, universos sociais e culturais, por outro, a já referida união política e geográfica. A diferenciação entre Estado e nação surge exatamente desta discussão, aproximando-se o conceito de Estado de uma realidade política e geográfica coesa, e o de nação de uma realidade social e cultural mais clara, mas por vezes geograficamente diminuída – muito embora não menos significativa.

A utilização do par estado/nação numa mesma palavra – estado-nação – implica a composição de uma rivalidade complexa que possibilitará a aproximação dos universos significantes [...] (CRISTÓVÃO, 2005, p.298)

Desta forma, podemos observar que a consistência política e geográfica de Angola é contestável. Neste país, fortes questões étnicas e mesmo geográficas são discutidas, assim como em muitos Estados que se formaram após o colonialismo.

Sem uma evidente solidez étnica e em alguns casos geográfica, os Estados da Lusofonia devem considerar uma história política do Estado como fruto do colonialismo, e da resistência a essa prática. Os próprios partidos que governam os Estados lusófonos incorporam historicamente a resistência à ocupação colonial, sendo em grande medida estas as forças fundacionais das independências. A transição política pós-colonial colocou no poder grupos políticos claramente definidos, na sua grande maioria de cariz socialista. Os exemplos do PAIGC em Cabo Verde e na Guiné-Bissau, do MPLA em Angola, da FRELIMO em Moçambique e da FRETILIN em Timor concretizam esta ideia, provendo estes recém-criados Estados de uma outra

valência particular. Ao mesmo tempo que se evidencia a herança colonial destes Estados (também por terem sido estes os grupos que em grande medida lutaram contra a colonização), prova-se uma dinâmica política pós-colonial particular (associada, em sentido lato, a diferentes modelos socialistas). (CRISTÓVÃO, 2005, p.298)

Atualmente, o conceito de Nação vem sendo arduamente questionado pelas ciências sociais.

O conceito de Nação compreende uma sociedade unida por vínculos culturais profundos e um universo geográfico claramente definido. Para além desta muito pragmática definição, Nação e nacionalidade devem também implicar uma série de discursos e narrativas, que, embora muitas vezes não objectivados com a realidade estatal, são para esta fundamentais. A nacionalidade poderá assim ser comparativamente relacionada à noção de Estado, que enquadra Nação enquanto estrutura complementar ou fortalecedora das suas políticas oficiais. A Nação distingue-se-á, no entanto, enquanto universo não contingente ao estrito político-geográfico (que identificamos como a noção de Estado), alicerçando-se também em mecanismos complexos como a história, a língua ou a tradição. Diferentes nações podem viver num Estado, podem sobreviver à dissolução dos Estados e podem favorecer a criação de novos Estados, quando, pelo contrário, uma lógica estatal encontrará dificuldades em rapidamente impor um discurso nacional sobre os diferentes grupos humanos contidos no seu território. (CRISTÓVÃO, 2005, p. 767)

Nesta análise sobre nação e nacionalismo, podemos pensar que ambos nos remetem à ideia de construção da identidade nacional. A nação produz e reproduz ideias e lutas políticas das mais diversas. Enquanto o nacionalismo dos movimentos políticos que assumiram o governo, pós-independência, foram responsáveis posteriormente pela criação dos Partidos-Estado. A partir disso, observamos que os Estados “criam o poder”, pois a forma como serão administradas as instituições de determinado país é que vai moldá-lo daquele momento para frente. Cabe salientar que, em Angola, assim como nos demais países lusófonos, o primeiro interesse não estava na construção da sociedade, mas na construção de uma “contra sociedade” frente ao Estado Colonial existente.

Paralelamente aos movimentos de independência, ocorridos no continente africano, observa-se que os estudos pós-colonialistas tiveram a sua valorização neste período. Segundo Eloína Prati dos Santos:

O prefixo “pós” tem sido fonte de discussões constantes entre os críticos por seu sentido primeiro indicar “depois” do colonialismo, enquanto os estudos pós-coloniais abrangem, principalmente, as articulações “entre” e “através” dos períodos históricos politicamente definidos, do pré-colonial, passando

pelo colonial, estendendo-se às culturas pós-independência e, mais recentemente ao neocolonialismo de nossos dias. (2012, p. 341)

Walter D. Mignolo, professor argentino da Universidade de Duke, também tem trabalhado diferentes aspectos do mundo colonial e moderno. No texto: *La Razón Postcolonial: Herencias Coloniales y Teorías Postcoloniales* (2005), por exemplo, o autor trata sobre as inúmeras formas de que o termo “pós-colonial” é utilizado. Segundo ele, “lopostcolonial o lapostcolonialidad” é uma expressão ambígua, confusa e, por vezes, limitada. Talvez, a “confusão” a que Mignolo refere-se esteja no fato desta teoria lidar com tempo e espaço; para falar sobre o pós-colonialismo, precisamos falar sobre o período colonial, não se abstendo das influências que os colonizadores exerceram às suas terras de domínio. Os Estados Unidos, também considerado como um país pós-colonialista, é apresentado para contrapor-se a outros países pós-colonialistas que, hoje, não exercem tanta influência política e econômica no mundo. Ao mencionar os escritos de Ella Shohat, professora de Estudos Culturais da Universidade de Nova York, Mignolo reforça a ideia de que os discursos pós-coloniais proporcionam práticas de oposição em países com uma grande herança colonial, e que a teoria pós-colonial tem formado um espaço de força, de crítica e de resistência contra o colonialismo. Ou seja, a teoria pós-colonialista ajuda-nos a repensar a história do colonialismo e, apesar da grande força que ela vem tendo, não se pode pensar que ela constitui um corpus homogêneo, pelo contrário, ela possui um campo muito heterogêneo.

De acordo com Mignolo: “Una de las primeras dificultades que encontramos en este mapa de herencias coloniales y teorías postcoloniales es que los Estados Unidos nos son aceptados fácilmente como una situación postcolonial”; isso, porque “La postcolonialidad tiende a estar conectada con las experiencias Del Tercer Mundo.” (2005, p.3) Sendo assim, o autor vai além e afirma que as teorias pós-modernas, que se encontram em Frederic Jameson (1991), seriam melhor conectadas aos Estados Unidos, pois “El espacio contestario es, mejor dicho, el resultado de las herencias del capitalismo más que de las herencias del colonialismo.” (2005, p. 4)

Logo, o prefixo “pós” não denota simplesmente uma relação cronológica de posterioridade, antes aponta uma permanência da problemática colonial em contextos que permitem tomá-la como referência para o desenvolvimento de perspectivas críticas que adquirem um significado abrangente.

Estes questionamentos expostos são deveras importantes, pois quando estudamos a obra por meio das teorias pós-colonialistas, é inevitável que o passado

colonial venha à tona. No conto “Abel e Caim”, contido neste livro, o narrador nos conta a história dos amigos Miguel Ximutu e Adalberto Chicolomuenho que se distanciaram com o tempo devido a divergências políticas. Contudo, antes de serem fornecidas estas informações, merece destaque toda a reflexão que o narrador faz dos tempos atuais de Angola.

Alguns historiadores (por que que, de repente, pensei em escaravelhos, quando pensei a palavra historiadores?), inclusive costumam chamar a atenção para o facto de Angola estar em guerra praticamente desde o século XV, com exceção para um brevíssimo período entre 1920 e 1961. Com efeito, as revoltas tradicionais dos angolanos (que então ainda não eram angolanos, mas isso é outra maka...) contra os ocupantes portugueses estenderam-se até o final da segunda década do século XX, tendo o território sido totalmente pacificado apenas por volta do ano de 1920. Mais ou menos quatro décadas depois, começou a luta armada de libertação nacional, já em bases modernas, a qual durou até 1975. Desde esse ano, o país não deixou até hoje de estar em guerra, com zairenses, sul-africanos, cubanos e mercenários de todas as origens também metidos na confusão e, sobretudo, angolanos matando angolanos, tal como a parábola bíblica que insistiu, explicitamente, em assumir o título desta história, mas numa escala muito mais massiva e sangrenta. (MELO, 2008, p. 160)

Diferentemente do primeiro conto, eu não vejo a exposição de um pensamento confuso, como o de Pedro Sanga nas primeiras páginas do livro, mas sim o retrato lúcido do que “foi” e do que “é” o país angolano. Talvez, isso se deva porque aquilo que pensam os personagens principais desta história não é descrito. Outra parte da narrativa que merece destaque dá-se no momento em que o narrador critica a forma como os historiadores analisam Angola e como os países desenvolvidos interferem na vida política deste país.

Outros historiadores, talvez mais politizados ou, então, mais cínicos, tendem a minimizar ou pelo menos a relativizar esta tradição bélica (nem belicista, como diriam os nossos numerosos detractores, nem guerreira, como afirmariam os poetas-propagandista de plantão: *bélica* parece uma palavra feita sob medida para este caso) dos angolanos. Segundo eles, a Europa, por exemplo, esteve permanentemente em guerra durante séculos até que se conseguiu estabilizar (sem falar, por exemplo, na famosa Guerra dos Cem Anos, não se pode deixar de evocar que ainda há meio século atrás esse continente estava totalmente destruído, na sequência da Segunda Guerra Mundial). Como aceitar, pois, indagam tais historiadores, que os europeus (e os seus descendentes da América do Norte, que, na verdade, se transformaram hoje seus tutores) condenem tão enfaticamente os angolanos por não terem ainda conseguido resolver a sua guerra particular (não vale a pena, sequer, mencionar o facto de que os angolanos não fabricam armas, pois isso é tão óbvio que até assusta)? (MELO, 2008, p. 161)

Este último excerto faz alusão ao período Pós-Segunda Guerra Mundial até o momento atual de Angola, no qual os governos ocidentais e os organismos internacionais, por meio das suas políticas externas de cooperação internacional, vêm ampliando suas relações com o país, mediante a atuação – direta ou indireta - em órgãos e entidades da Administração Pública. A crítica ao tráfico de armas feito neste país também é feita, visto que – assim como em outros países que compõem os PALOP – é grande o poderio bélico, no entanto estes não produzem armas em suas regiões. Quem os fornece? De que forma lucram os países ocidentais fomentando a guerra nos países africanos? No ano de 2005, o filme *Lord of War*, que no Brasil foi titulado como *Senhor das Armas*, apesar de ser uma produção americana, consegue retratar de forma legítima como ocorre o tráfico de armas ilegais nos países subdesenvolvidos.

Diga-se, pois, e para recorrer à linguagem popular, que a guerra, seja ela legítima ou ilegítima, é um atraso de vida, expressão que, apesar de muito vulgarizada, talvez não reflita devidamente o cortejo de desgraças e horrores provocado por toda e qualquer guerra, nos tempos hodiernos ou remotos. Mortos, feridos, mutilados, destruição de infra-estruturas, degradação moral, oportunismos de toda a sorte e, sobretudo, separação dos homens e mulheres em barricadas mortalmente antagónicas são alguns exemplos dessas desgraças e horrores. (MELO, 2008, p. 161)

Guerra por guerra, talvez a pior delas seja aquela que provoca o desencontro da sua população. Miguel Ximutu integrou-se à UNITA, enquanto Adalberto Chicolomuenho filiou-se ao MPLA. Durante anos, os amigos “do género unha-com carne” ficaram separados por causa das suas respectivas opções partidárias. Eles vieram a se encontrar apenas devido à morte de um amigo em comum, antigo colega deles da faculdade de agronomia do Huambo. Eis a cena do encontro:

Quando se encontraram, talvez já estivessem cansados de mais, depois de todas as experiências por que passaram, por ser terem odiado tanto (vinte e cinco anos pode ser pouco para um país, mas parece uma eternidade para qualquer indivíduo, sobretudo em Angola, onde a esperança média de vida é de 42 anos), pois o facto é que, para surpresa dos presentes, encaminharam-se um para o outro como se impulsionados de repente por uma poderosa mola e, enquanto cada um deles gritava o nome do outro, abraçaram-se energeticamente, sacudiram os braços um do outro, voltaram a abraçar-se, bateram-se mútua e efusivamente nas costas, sem cessarem de se nomear, como se a enfática invocação do nome do outro tivesse o condão de apagar tudo o que tinha ocorrido entre eles no último quarto de século. (MELO, 2008, p. 166,167)

Depois deste episódio, o narrador não revela ao seu leitor o final da história, pois segundo ele, seria “muito conveniente sugerir aos leitores que, se acharem que tal vale a pena, resolvam com a própria cabeça como deverá acabar a estória [ou história?] de Abel e Caim [ou Caim e Abel, como decidirem]”. (MELO, 2008, p.167). A partir daí, João Melo nos provoca a seguinte reflexão: como a sociedade angolana pode viver tão fragmentada? MPLA, UNITA: acima destes partidos existe uma nação que não está sendo beneficiada por estas desavenças políticas; o FMI e Banco Mundial entraram em cena com o pretexto de ajudar o país, mas acabaram gerando uma dívida maior de Angola com os organismos externos.

Quem quiser conhecer as cifras da destruição que vitimou o país nos últimos dez anos poderá obtê-las consultando os relatórios de qualquer uma dessas organizações europeias ou americanas que, como a figura do capataz no período da escravatura, passaram a controlar os povos atrasados, a pretexto do “direito de auxílio humanitário”, do “direito de ingerência democrática” e outros direitos unilaterais. (MELO, 2008, p. 165, 166)

Desta forma, concluímos que Melo não pode encerrar a história, pois, assim como a vida de Miguel e Adalberto segue, a história do país também segue.

Angola, recentemente, possui uma “democracia centralizada” nas mãos de um presidente que governa o país desde 20 de setembro de 1979. José Eduardo dos Santos, atual presidente pertencente ao MPLA, partido que governa Angola desde a independência, e que foi reeleito no ano de 2012, apesar das controvérsias existentes nesta última eleição. Em 2014, o atual presidente angolano foi eleito o “Homem do Ano de 2014”, segundo a revista “África World”. Dito isso, observamos que alguns dos principais problemas no poder centrado por muito tempo nas mãos de um partido são o favorecimento à dissimulação, a propagação da corrupção e um grande distanciamento da sociedade civil e dos movimentos sociais em relação ao Estado, no qual muitas vezes a política é vista como uma forma de enriquecimento rápido e ilícito, pondo em causa os valores fundamentais de uma sociedade, como o mérito, a igualdade de oportunidades e uma política social adequada e justa por meio da política de redistribuição de rendimentos, de emprego e acesso à educação. O funcionamento de uma sociedade justa e equilibrada, tal como é defendida pelo teórico clássico Aristóteles, não é visto na atual sociedade angolana. Em Angola, todos são iguais, porém uns mais iguais que os outros.

2.2: "TODOS IGUAIS, UNS MAIS IGUAIS QUE OS OUTROS": A PERIFERIA ANGOLANA X A NOVA ELITE DE ANGOLA

(...) Doze vezes gritavam, cheias de ódio, e eram todos iguais. Não havia dúvida, agora, quanto ao que sucedera à fisionomia dos porcos. As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já se tornara impossível distinguir, quem era homem, quem era porco. (*A Revolução dos Bichos*, 1945)

O trecho acima é extraído do livro *A Revolução dos Bichos* (1945), de George Orwell, escritor e jornalista inglês, que demonstra nesta obra uma consciência profunda das injustiças sociais que permeiam o século XX. Em suma, o livro apresenta a história de um porco que deseja criar uma granja governada por animais, sem a exploração dos homens. Porém, depois de conseguido o objetivo, os ideais presentes na revolução já não são mais os mesmos e há a ascensão de uma nova casta ao poder. Muitos estudiosos acreditam que o romance possa ser comparado a uma fábula, porque neste gênero existe a presença de animais que agem como homens, assim como também vem acompanhado de uma lição de moral ao longo do livro, “todos os animais são iguais, mas uns são mais iguais do que os outros”.

A Revolução dos Bichos – em suma – fala sobre o comportamento dos homens e das mulheres e a cada animal é atribuída uma característica da personalidade do ser humano. Inúmeros críticos literários defendem que esta seria uma obra feita sob medida para a Revolução Russa, pois a mesma nos faz entender o funcionamento das sociedades comandadas por um governo de tipo autoritário. Jones, o dono da granja, só pensava no lucro dos seus negócios; enquanto o Major – sábio e idealista – tinha por princípio o “Animalismo” e defende que o homem deva trabalhar para o bem comum de todos. Sete eram os mandamentos do “Animalismo”: 1 – qualquer coisa que anda sobre duas pernas é inimigo; 2 – o que anda sobre quatro pernas, ou tenhas asas, é amigo; 3 – nenhum animal usará roupa; 4 – nenhum animal dormirá na cama; 5 – nenhum animal beberá álcool; 6 – nenhum animal matará outro animal; 7 – todos os animais são iguais. Contudo, o Estado democrático não passou de um sonho, com o tempo, as intenções dos animais que lideravam a fazenda foram mudando e estes passaram a se considerar superiores aos outros. Desta forma, as regras foram se modificando e o último mandamento do “Animalismo”, por exemplo, fora alterado pelos porcos líderes. O trecho “mas uns mais iguais que os outros” é acrescentado nesse momento.

Assim, como no romance de George Orwell, percebemos no conto “O cortejo”, inserido no livro *Filhos da Pátria*, algumas características que se assemelham à fábula. Nele o narrador nos remete à ideia de que os cavalos falam e têm mais consciência de que os seres humanos que compõem esta história. Outro ponto importante é a lição de moral que permeia o conto. Isto ficará mais claro a partir do momento que o enredo for exposto.

“O Cortejo” narra a história do casamento de Rui Carlos Caposso e Leonilde Ferreira da Silva, pertencentes à elite angolana. E, como diria o narrador, “tratava-se de um casamento”, porém “seja como for, e como certamente os leitores já desconfiavam, este não é apenas mais um casamento.” (MELO, 2008, p. 134), a começar pela carruagem que levava os noivos até a igreja da Sagrada Família, em Luanda.

É que, e como é fácil de perceber, uma carruagem não é propriamente um veículo comum numa cidade moderna como Luanda, apesar de desconhecida, por exemplo, nas principais bolsas turísticas.

É verdade que a nossa cidade, de acordo com outras estatísticas, que não aquelas a que me referi anteriormente, é das cidades do mundo que, relativamente (em função do total de população existente), importa mais carros durante o ano, de todas as marcas, modelos, cores e estados de conservação, coexistindo nessa matéria (como em outras) um luxo quase asiático, mas provinciano, e a mais deprimente degradação. (MELO, 2008, p. 135)

Porém, não somente este fato chamara a atenção do narrador. Para ele,

É mister dizer que a carruagem parada em frente à igreja da Sagrada Família, em Luanda, não será o único elemento de prova do carácter inusitado do casamento de Rui Carlos Caposso e Leonilde Ferreira da Silva, nomes que têm de ser mencionados por ser de bom tom, obviamente, identificar dois noivos que, não pertencendo a nenhuma corte, seja ela herdeira de algum reino tradicional angolano ou africano ou tenha ligações com a sobrevivente nobreza ocidental (afinal de contas, Angola é um país orgulhosamente republicano e, quanto aos reinos tradicionais, estão, feliz ou infelizmente, mortos e mal enterrados...), são magnificamente transportados em veículo tão aristocrático. (MELO, 2008, p. 135,136)

Dito isso, é importante salientar que fora o veículo que chamara a atenção da população: “Rapidamente os transeuntes começaram a afrouxar o passo e a aproximar-se lentamente, movidos por uma insuportável curiosidade” (MELO, 2008, p. 133). Um dos fatos que mais chamara atenção no casamento fora “o cortejo” realizado pelo casal, depois da cerimônia. Este desejo – não era propriamente dos filhos – mas sim dos pais. Contudo, eles “irão arrepende-se até a morte por terem tido, soberbamente, esse desejo, o qual na verdade, se tornou um terrível pesadelo” (MELO, 2008, p.136), visto que o

trajeto previsto seria alterado pelos cavalos que os conduziram no desfile a céu aberto por Luanda. O excerto a seguir remete ao que fora dito antes sobre os animais sentirem o mesmo que sentem os humanos.

Sucedem que, enquanto, no interior da igreja da Sagrada Família, a cerimônia de casamento decorria, como se costuma dizer, às mil maravilhas [...] cá fora, um facto extraordinário estava a passar-se: os dois belos cavalos elegantemente atrelados à carruagem dos noivos começaram a falar entre si e a maquinar um plano diabólico. É claro que o numeroso grupo de curiosos que rodeava a carruagem, admirando-a de todos os ângulos e em todos os detalhes, estava demasiado entretido para prestar atenção ao diálogo dos dois animais, mas, por estranho que pareça, foi depois de se terem apercebido que, no fundo daqueles olhos espantados apreciando entre murmúrios e exclamações, o estranho veículo, existia uma profunda tristeza, para não dizer uma raiva adormecida e surda, que os referidos cavalos tomaram a sua decisão. (MELO, 2008, p. 137, 138)

A raiva que sentem os cavalos é ainda mais acentuada a partir do momento em que eles vêm as crianças que estão ao seu redor sujas e descalças, enquanto eles teriam que conduzir aquela carruagem luxuosa por distintos lugares da capital angolana. Logo, João Melo mostra que os animais têm mais consciência do que os seres humanos. A forte crítica do autor está na alienação em que está imersa a elite angolana.

Ao analisarmos os recursos humanos de Angola a partir da década de 90, observamos que emprego, educação e saúde não tiveram um desenvolvimento significativo neste país. Estudos mostram que Angola evoluiu, entre 1975 e 1991, de um regime de partido único de inspiração marxista para uma situação de representação parlamentar multipartidária (sete partidos estão representados no Parlamento, eleito democraticamente), após a revisão constitucional de 1991. Porém, na sequência para as eleições do Parlamento e para Presidência da República, em setembro de 1992, assistiu-se ao regresso à guerra civil. Até 2002, as guerras civis eram intensas em Angola.

Em relação à urbanização, cerca de 50% da população angolana está concentrada nas áreas urbanas e na periferia.

De acordo com estimativas do governo, o crescimento da população angolana, na década de 80 e no início da década de 90, processou-se à taxa anual de 2,9%. Desde a transição para a independência que se acentuou o fenómeno da urbanização da população de Angola: em 1994, 42,9% dos angolanos concentravam-se nos centros urbanos. Contra apenas 15% em 1970 [...]. Além dos movimentos migratórios internos – aproximadamente três milhões de deslocados –, a guerra civil prolongada gerou também, ao longo dos últimos vinte anos, intenso trânsito de refugiados (mais de trezentos mil), através das fronteiras com os países vizinhos. (CRISTÓVÃO, 2005, p.232)

Os efeitos da guerra civil são visíveis no mercado de trabalho, nos setores da educação e da saúde. O mercado de emprego angolano caracteriza-se por insuficiência estrutural da oferta de trabalhadores qualificados. Desta forma, um segmento importante de mercado de trabalho é constituído pelo mercado de trabalho informal de sobrevivência. Em 1995, por exemplo, o emprego informal representava 37% da força de trabalho angolana.

É constituído, na sua maior parte, por mulheres e por jovens (empregados do sector público, desmobilizados, desempregados e refugiados). Uma parte importante destes operadores informais não tem qualquer qualificação profissional e tem uma formação escolar reduzida, o que explica em parte a forte atracção exercida pelo comércio e retalho. Uma parte não negligenciável desenvolve uma atividade informal, mantendo a sua ligação com o sector formal, como acontece, por exemplo, com alguns funcionários ou com trabalhadores das empresas estatais. (CRISTÓVÃO, 2005, p. 232)

A educação, após o esforço realizado pós-independência para expansão do ensino, sofreu um declínio nas taxas de inscrição escolar no período de guerra civil. O baixo salário mensal dos professores e os atrasos no seu pagamento têm constituído alguns dos principais fatores de constrangimento ao funcionamento do setor educativo formal, abrindo espaço quer para o desenvolvimento da atividade educativa informal, quer para a prática generalizada da corrupção. Atualmente, existe a universidade pública Agostinho Neto, sediada em Luanda, Huambo, Benguela e Lubango. Nos últimos anos, houve o crescimento do ensino privado e de uma rede de ensino informal ligada às diversas comunidades religiosas. Em relação ao quadro da saúde, o mesmo não teve muita evolução ao decorrer dos anos, mostrando um cenário de destruição e quase paralisia das suas infraestruturas. Quanto aos sistemas de distribuição de água potável e aos sistemas sanitários, observamos que a maioria da população não tem um tratamento adequado. Assim, a maior parte da população ainda se encontra numa situação de vulnerabilidade resultante de fatores diversos, dentre os quais a má distribuição de renda.

Angola tem uma pequena elite, dela fazem parte empresários, generais e grande parte do governo que gira em torno do presidente José Eduardo dos Santos, que enriqueceu devido às reservas de petróleo e diamantes do país. Isabel, filha do atual presidente, por exemplo, foi considerada pela revista “Forbes” (2014) a mulher mais rica da África. Desta forma, é importante salientar que, a partir de 2002, após os conflitos em Angola, a economia teve um crescimento significativo, e que, segundo a

“Ernstand Young” – multinacional de consultoria e auditoria –, Angola foi o país com o crescimento mais rápido entre 2000 e 2010. Todavia, como dito anteriormente, o poder encontra-se nas mãos de pouquíssimas famílias. Estas que – assim como é relatado no conto “O Cortejo” – vivem totalmente desconectadas do resto da população. A Ilha do Cabo, também conhecida por Ilha de Luanda, é um local onde os poderosos angolanos ostentam seu dinheiro e desfilam com seus belíssimos carros.

Como no Brasil, no país angolano existe um grande esforço para tirar os pobres de áreas consideradas estratégicas para o crescimento das indústrias e comércio. Assim, temos observado a destruição de inúmeros barracos e o país tem assistido, mesmo que timidamente, o aumento de protestos.

Em 2015, ocorreu o julgamento do ativista de Direitos Humanos – Rafael Marques – autor do livro *Diamantes de Angola: corrupção e tortura em Angola (2011)*. Este livro alega que o Exército e as empresas de segurança privadas estariam envolvidos em crimes sujos cujos detalhes são surpreendentes. Segundo o livro, mineiros seriam enterrados vivos, executados em massa e forçados a saltar para a morte em veículos em movimento. Nesta obra, Marques acusa sete generais de serem cúmplices em assassinatos, tortura e corrupção nos campos de diamantes de Angola.

Diamante e petróleo são os recursos naturais que mais geram dinheiro para o país angolano. A indústria extrativa cresceu muito a partir da década de 90. “No que se refere ainda aos recursos naturais, e não obstante uma grande diversidade de recursos minerais (ouro, ferro, manganês, cobre, fosfatos, granitos, urânio, entre outros), o destaque maior vai para as reservas de diamantes e de petróleo.” (CRISTÓVÃO, 2005, p. 236). Além destes, Angola dispõe de um importante potencial hidroelétrico e de reservas de gás natural.

A partir disso, podemos compreender os motivos de indignação presentes não só no conto “O cortejo”, mas na obra *Filhos da Pátria*. Afinal, existe a corrupção visível em Angola, e o povo sai como maior prejudicado de tudo isso. Fora isso, é importante pensar como nasceu esta elite política? Se formos analisar o histórico dos cidadãos que estão no poder, muitos deles estudaram no exterior ou tiveram acesso à universidade, porém mais tarde acabaram se corrompendo para adquirir uma vaga em algum ministério. Logo, a elite intelectual é quem governa o país, todavia os seus interesses são gerenciar um país visando seu próprio benefício. Chamamos a atenção para a detalhada descrição que é dada sobre os pais de Rui Carlos Caposso e Leonilde Ferreira da Silva, do conto citado.

O senhor Pedro Ndongala Caposso, natural do Uíge, 42 anos, tinha-se formado em economia em Luanda e, depois, fora fazer o mestrado numa universidade em Bruxelas. Quando regressou, conseguiu um óptimo emprego como diretor financeiro de uma multinacional. A mulher dele, D. Mariquinhas Caposso, de 37 anos, tinha uma butique de roupas africanas e, por causa disso, viajava regularmente para Bruxelas – onde, aliás, o casal possuía um apartamento numa área privilegiada da cidade – a fim de adquiri-las. Não questiono evidentemente, o facto de ela ter de se deslocar a uma capital europeia em busca de mercadorias africanas (e muito menos o detalhe do apartamento), pois já prometi ser estritamente descritivo.

Quanto aos Ferreira da Silva, o senhor Júlio, natural do Namibe, 45 anos, tinha sido ministro, até a primeira metade dos anos 90, e agora era um próspero homem de negócios. Tinha uma dessas empresas guarda-chuva (isto é só uma imagem, não é uma apreciação...), cujo objeto social abarca um impressionante caleidoscópio de atividades: import-export, pescas, agropecuária, comércio-geral, a grosso e a retalho, turismo, hotelaria, publicidade, marketing. A D. Ester, que tinha apenas 29 anos, não trabalhava, pois era cometida, frequentemente, de uma série de chiques inexplicáveis e depressivos, que exigiam constantes viagens a Londres e a Paris, para renovar o seu guarda-roupa pessoal, o que era muito mais eficaz do que todos os ansiolíticos conhecidos. Na verdade, o senhor Júlio tinha-se casado com ela em segundas núpcias, pelo que, por conseguinte, ela não era a mãe de Leonilde da Silva Ferreira, que tinha somente menos cinco anos do que ela. (MELO, 2008, p. 139 e 140)

Desta forma, o narrador retrata com ironia a fortuna que possuem os pais dos noivos, de modo que dá os detalhes das suas riquezas, a fim de mostrar a riqueza que possui a elite angolana.

Contudo, uma das coisas que mais irritavam os dois cavalos – esses no qual já disséramos que eram os únicos que possuíam consciência na trama – segundo o narrador, é o estilo de vida dessas duas famílias de novos ricos angolanos.

De facto, a família Caposso e a família Ferreira da Silva eram apenas dois exemplos de uma casta (palavra que eu sei, tem ressonâncias altamente desagradáveis, mas que os dois animais são forçados a usar, para descrever correctamente o fenómeno) que se começou a formar em Angola a partir de meados dos anos 80, primeiro discretamente, mas logo às escâncaras de indivíduos que, misteriosamente, ostentavam um nível de vida que contrastava, de modo flagrante, com o da esmagadora maioria da população. (MELO, 2008, p. 141)

Fora isso, o que mais chocava os dois animais é:

Que, e tal como já foi informado, eram duas famílias jovens, mas que se comportavam muito pior do que os velhos dirigentes, que em 1975 tinham saído das matas, compreensivelmente eufóricos, deslumbrados, arrogantes e assustados (pois, geralmente, estavam mal preparados), para tomar conta de um país que, na verdade, tinham deixado de conhecer. Os erros e os excessos cometidos por essa geração não era nada, se comparados com a voracidade dessa casta de jovens educados, treinados e capacitados que, contudo, se foram transformando (não todos, claro) numa elite política, económica e social mais discriminatória e insensível do que a anterior. Com já disse, mas

não é de mais repetir, estas ideias estavam a ser trocadas entre si pelos dois cavalos, sem ninguém se dar conta desse facto extraordinário, o qual, se virmos bem, só podia fazer prever acontecimentos terríveis. (MELO, 2008, p. 142)

Desta forma, o “acontecimento terrível” que tanto anunciara o narrador, desde o início do conto, era a mudança do percurso feita pelos cavalos. Inicialmente, o sonho dos pais era passar pelas ruas e avenidas da área mais nobre da cidade, contudo este caminho fora subvertido pelos animais que puxavam a carruagem.

Mal o cortejo se pôs em andamento, os dois animais, após uma maliciosa e mútua piscadela de olhos, embicaram a toda velocidade para o muceque Catambor, para desesperado espanto do condutor de casaca, chapéu e calças pretas, sem esquecer as luvas brancas, e por leve (por enquanto) sobressalto dos noivos. Depois, cada vez mais indomáveis e indiferentes às chicotadas que recebiam do condutor, inflectiram para o Prenda, subiram em direção ao aeroporto e foram para a esquerda, com destino ao Cassequel do Buraco. Entraram no Bairro popular e apanharam a Rua dos Congolezes, embrenharam-se pelo interior do Rangel e foram desembocar na Precol. [...] Nessa altura, e além dos noivos estarem completamente horrorizados, o próprio cortejo já se tinha praticamente desfeito [...] Mas os dois cavalo, realmente, estavam possuídos pelo demónio.

Para os recém-casados, aquela viagem estava a ser um trilhão de vezes pior do que a descida de Dante ao inferno. Pela primeira vez, tinham contacto com um lado da cidade que nunca haviam imaginado. (MELO, 2008, p. 143, 144)

Logo, podemos perceber que o intuito dos cavalos era mostrar uma realidade que, talvez o casal não soubesse que existia ou que, se soubesse da sua existência, havia esquecido.

Durante o fantástico percurso que a descontrolada carruagem estava a fazer, conduzida pelos dois cavalos indignados e furiosos, cruzaram com as piores imagens de degradação e miséria que é possível conceber, às quais os homens e mulheres só se adaptam devido á incrível capacidade de sofrimento e aviltamento do ser humano. (MELO, 2008, p. 145)

O final do conto é realmente irônico, pois Rui e Leonilde acabam sendo entregues a um curandeiro que trata casos de alienação e promete curá-los.

Quando a carruagem chegou ao Palanca, estranhamente, foi recebida com vivas e aplausos. Um aglomerado de gente cada vez maior foi-se formando à volta do veículo, mas deixando espontaneamente um corredor aberto, para não lhe interromper o caminho. [...] De acordo com a decisão tomada algumas horas antes pelos dois cavalos em questão, Rui Carlos Caposso e Leonilde Ferreira da Silva seriam entregues à guarda do PapáXitoko, para serem devidamente tratados, conforme os usos e costumes da terra. Para quem não o conhece, o PapáXitoko— que na sua vida real tem outros nomes — é um curandeiro, também chamado de terapeuta tradicional, que, além de se

dedicar ao negócio da venda de cerveja e outras mercadorias úteis, trata com métodos criativos casos de alienação em geral. Uma das suas terapias mais conhecidas, saudada pela imprensa como uma inovação revolucionária, consiste em amarrar pesadas esferas de ferro nos tornozelos dos pacientes, obrigando-os a viver ao relento e a realizarem praticamente todas as suas chamadas funções vitais num amplo terreiro, juntamente com alguns outros animais desprovidos de razão, pelo menos os que, após milénios de confrontos, já foram domesticados pelo homem. (MELO, 2008, p. 146)

De modo geral, na obra de João Melo, o que vemos – como dito anteriormente – é a forte presença da ironia para tratar de assuntos sérios. Olhar um povo com fome e virar para o lado como se nada estivesse acontecendo, desfrutar do dinheiro da população como se fosse normal e ignorar os milhares de pessoas que lutam pela sobrevivência... Certamente, Rui e Leonilde são apenas um dos tantos casos pertencentes à elite angolana que precisam de tratamento.

Contudo, criticar este grupo minoritário angolano, mas bastante significativo (do ponto de vista económico), por meio da ironia, não tem sido apenas prática de Melo. Recentemente, em Angola, podemos observar que muitos músicos, assim como diretores de filmes e de novelas, têm se utilizado do seu material artístico para criticar os costumes da elite angolana. Em 2012, foi lançada uma novela chamada *Windeck: todos os tons de Angola*, que recebeu este nome em alusão à música do cantor angolano Cabo Snoop chamada “Windeck”, cuja letra aborda de forma satírica temas como abuso de poder financeiro e o uso do sexo como moeda de troca.

Deejay, deejay, deejay!

Pára a música!

Deixa xipilicar

Windeck é então M’boa!

Que quando tá no lume

Sóquer...

Windeck, ha oba, ba, windeck, ahkh...

(“Windeck” – Cabo Snoop)

Snoop, além de autorizar o uso do single no título da novela, ainda declarou ter gostado do conceito do folhetim. O enredo da novela “gira” em torno de personagens que buscam a ascensão social a qualquer custo, logo, confrontos sobre ética e ambição desmedida são alguns dos aspectos que mais aparecem na novela. Vitória, uma das personagens centrais da trama, é capaz de tudo para subir na vida. Ela deixa Moxico, província de Angola, para viver com a irmã que vive em Luanda e tem como um dos seus objetivos principais adquirir riqueza e poder, vê na conquista do chefe da revista

“Divo” - chamado Kiluanji – um meio para enriquecer. “Divo” fala sobre moda e de certa forma o “ambiente glamoroso” que cerca este meio acaba fazendo com que seus espectadores acabem vendo uma Angola mais moderna e competitiva a partir da capital. No Brasil, *Windeck* causou espanto ao ser lançada em 2014, na televisão, talvez pelo fato dos brasileiros dificilmente verem 80% do elenco ser composto por atores negros e os mesmos serem protagonistas ou pelo fato de esperarem um país mais provinciano. A novela esteve entre as quatro indicadas ao Emmy Internacional de 2013, ano em que *Lado a Lado*, da Rede Globo, recebeu o prêmio.

Dito isso, podemos concluir que o país angolano cresceu muito, assim como a ambição da sua elite. Não por acaso, esses “tipos sociais” são retratados na teledramaturgia do país. Qual é o preço desta sede desenfreada pelo poder? George Orwell, João Melo ou até mesmo o diretor da novela *Windeck* não podem prever o futuro, mas o “desenho” do ontem - nós já vimos, e o “desenho” do hoje estamos vendo, estes não são nada bonitos, principalmente para a maioria da população, que continua admirada ao redor da carruagem com tanta alienação por parte de um grupo social.

2.3 AUTENTICIDADE ANGOLANA: O DISCURSO DE RAÇAS NA OBRA FILHOS DA PÁTRIA, DE JOÃO MELO

Angola é um país de pretos! Esta frase contundente e absoluta estava presente em todos os discursos que fazia, mesmo quando falasse apenas do estado do tempo. Estava totalmente à vontade para brandir a referida sentença contra tudo e contra todos, pois não era um desses pretos suspeitos, meio acastanhados, cujo cabelo, quando cortado bem rente, se torna liso e dócil ao tacto e que, um tanto equivocadamente, se chamam a si próprios “fulos”, mas que todos os outros (os pretos efectivos, especialmente os que usam óculos, os mulatos condenados, sem santo e sem sangue, os “cabritos” angustiados e os brancos que já aprenderam a remexer a cintura quando dançam) gostam de chamar “fronteiras perdidas”, o que é uma notória sacanice [...] Pelo contrário: ele era um preto genuíno, sem qualquer pigmento a mais ou a menos! Um verdadeiro autóctone angolano! Podia, pois, proclamar à vontade que *Angola é um país de pretos!* (MELO, 2008, p. 59)

“Angola é um país de pretos!”, assim proferia Charles Dupret, estilista angolano, personagem principal do conto “O efeito estufa”. É a partir desta frase que buscamos iniciar a discussão sobre raça, na obra de João Melo, que tem como cenário o território angolano. Desta forma, precisamos entender o que vem a ser a “autenticidade angolana”

mencionada por Charles Dupret, pois – como disse o narrador no decorrer do conto - existem vários “Dupret’s” que defendem esta ideia, neste país.

Inicialmente, podemos compreender que para ser um “autêntico angolano” é preciso ter a pele negra, logo, brancos e mestiços não seriam “verdadeiros angolanos”, afinal não se pode ter na pele o vestígio do colonialismo que, neste caso, seria a cor branca ou a fusão da cor branca com a negra que resultaria no mestiço. Observamos que a discussão sobre “raça” é mais profunda do que parece, não só em Angola, mas também em outros países que sofreram durante muito tempo com a colonização. As teorias pós-colonialistas, por meio de estudos mais específicos sobre a questão racial, podem nos ajudar a pensar a relação entre a “ideia de raça” e o colonialismo.

Segundo o livro *O espetáculo das raças* (1993), de Lilia Moritz, a ciência teve inúmeras implicações na construção do paradigma racial, basta pensar nas principais teorias e métodos desenvolvidos no século XIX³. Neste século, a construção da noção biológica de raça estava em constante discussão, na Europa, o termo “raça”, por exemplo, foi introduzido na literatura mais especializada no início deste período por Georges Cuvier, naturalista francês. A partir daí, as tendências analíticas e conceituais foram surgindo, como: as *monogenistas* e as *poligenistas*. O monogenismo seria a hipótese segundo a qual a humanidade constitui uma única espécie, descendente de um ancestral comum, como hipótese ou teoria científica, o monogenismo tornou-se largamente aceito a partir de meados do século XIX, em decorrência da teoria darwiniana da evolução, sendo também um princípio hoje praticamente inquestionado da antropologia social e cultural, já o poligenismo teria como hipótese uma origem não comum da humanidade, sendo que os diversos grupos humanos pré-históricos ou as supostas raças da humanidade atual descendem de espécies distintas, o poligenismo, corrente difundida principalmente no século XIX, tornou-se obsoleto com a aceitação da teoria darwiniana da evolução.).

Foram muitas as correntes de pensamento surgidas no século XIX, dentre elas o *Evolucionismo*. Desenvolvida principalmente por Charles Darwin, esta teoria afirma que a sobrevivência das espécies está relacionada com sua seleção natural. Darwin elaborou sua principal obra a partir de uma pesquisa realizada em várias partes do mundo, após uma viagem de circum-navegação ocorrida entre 1831 e 1836. Nessa

³As informações contidas nos próximos parágrafos procedem da leitura desta obra de Lilia Moritz, que apresenta um detalhado panorama da evolução histórica dos debates relativos ao conceito de raça no campo científico.

viagem, o cientista inglês pode perceber como diversas espécies aparentadas possuíam características distintas, dependendo do local em que eram encontradas. Darwin também pôde observar que entre espécies extintas e espécies presentes no meio ambiente havia características comuns. Isso o levou a afirmar que havia um caráter mutável entre as espécies, e não uma característica imutável como antes era comum entender. Segundo ele, as espécies não existem da mesma forma ao longo do tempo, elas evoluem. Durante a evolução, elas transmitem geneticamente essas mudanças às gerações posteriores. Desta forma, para Darwin, evoluir é mudar biologicamente (e não necessariamente se tornar melhor), e as mudanças geralmente ocorrem para que exista uma adaptação das espécies ao meio ambiente em que vivem. A esse processo de mudança em consonância com o meio ambiente Charles Darwin deu o nome de seleção natural. Porém, a teoria elaborada pelo cientista causou grande polêmica no meio científico. No que se refere à evolução de homens e mulheres, o evolucionismo indica que nós temos um ancestral comum com algumas espécies de macacos, como o chimpanzé. Porém, ele não quis dizer que o ser-humano descende do macaco, mas que eles são parentes.

Nesta época, além do Evolucionismo, uma teoria muito popular era a *frenologia*. Desenvolvida pelo médico alemão Franz Joseph Gall, a frenologia acreditava ser capaz de determinar o caráter, as características da personalidade e o grau de criminalidade pela forma da cabeça do ser-humano.

Ideias como o evolucionismo e frenologia circulavam na Europa, em sociedades de que participam cientistas. A Sociedade de Antropologia de Paris (1859), por exemplo, serviu como reduto de grandes estudiosos sobre o assunto. Nesta época, destacavam-se Paul Broca, Goustaue Le Bon, Vacher de Lapouge, Topinard. No Brasil, posteriormente, estas teorias “importadas” da Europa circulavam nos Institutos Históricos e Geográficos, nas Faculdades de Medicina e Direito, estas que utilizavam destes conceitos para procurar entender a criminalidade e os comportamentos anormais dos homens e das mulheres.

Cabe salientar que o período no qual ocorreu a elaboração do conceito sobre “raça” foi um momento de expansão imperialista em direção à África e à Ásia. Na metade do século XIX, a presença colonial europeia na África estava limitada aos colonos holandeses e britânicos na África do Sul e aos militares britânicos e franceses na África do Norte. Porém, com a descoberta de diamantes na África do Sul e a abertura do Canal de Suez, ambos em 1869, despertaram a atenção da Europa sobre a importância econômica e estratégica do continente. Assim, os países europeus

rapidamente começaram a disputar os territórios. Em algumas áreas, eles usaram forças militares para a conquista, em outras, os líderes africanos e os europeus entraram em entendimento. Esses acordos foram decisivos para que os europeus pudessem manter o controle de grande parte do continente africano. Grã Bretanha, França, Portugal e Bélgica controlavam a maior parte da África. Em geral, os colonizadores fizeram poucos esforços para desenvolver suas colônias. Elas eram apenas locais de onde tiravam matérias-primas. Desta forma, podemos observar que o colonialismo não trouxe bons frutos para a África, sendo um legado ruim na vida econômica e social dos povos africanos. Outro mal causado pelo colonizador foi a introdução das ideias europeias de superioridade racial e cultural, estas incrustadas nas teorias científicas. Na Ásia, a conquista europeia começa por volta de 1500 e continua até a metade do século XX. Todavia, alguns historiadores acreditam que esse período ainda não terminou, tanto no continente africano como no asiático.

Por conseguinte, percebemos que os estudos sobre “raça” justificavam a suposta necessidade de intervenção civilizatória do homem branco em outros continentes, cujas populações eram consideradas bárbaras e primitivas. Este discurso era proferido por membros de instituições científicas, o que nos faz pensar sobre o racismo propagado pela ciência.

[...] acredito que o distintivo do racismo moderno seja justamente a ideia de que as desigualdades entre os seres humanos estão fundadas na diferença biológica, isto é, na natureza e na constituição mesmas do ser humano. A igualdade política e legal seria, portanto, a negação artificial e superficial da natureza das coisas e dos seres. Ora, essa compreensão do racismo o circunscreve à modernidade já que pressupõe o aparecimento da biologia e da filosofia política liberal. (GUIMARÃES, 2008, p. 26)

A partir disso, o que podemos entender como “raça”? Hoje, são muitos os conceitos. Contudo, as ideias de Antônio Sérgio Alfredo Guimarães seguem ajudando a refletir num outro artigo:

[...] não há nada espontaneamente visível na cor da pele, no formato do nariz, na espessura dos lábios ou dos cabelos, ou mais fácil de ser discriminado nesses traços do que em outros (...). Tais traços só têm significado no interior de uma ideologia preexistente (...), e apenas por causa disso funcionam como critérios e marcas classificatórias. Em suma, alguém só pode ter cor e ser classificado num grupo de cor se existir uma ideologia em que a cor das pessoas tenha algum significado. Isto é, as pessoas têm cor apenas no interior de ideologias raciais. (GUMARÃES, 2005, p.49)

Assim, podemos pensar o quanto estas relações étnico-raciais diferem entre os países, visto que “alguém só pode ter cor e ser classificado num grupo de cor se existir uma ideologia em que a cor das pessoas tenha algum significado”.

No livro *Na casa do meu pai* (1997), Kwame Anthony Appiah aborda a questão da invenção do *pan-africanismo* e do *pan-negrismo* como idealizadores de um pensamento geral para a África baseado no conceito de raça. Segundo ele, alguns dos principais idealizadores no pan-africanismo foram os afro-americanos, por estes vivenciarem a segregação racial, nos Estados Unidos, de um modo intenso e violento.

Ainda nesta obra, Appiah reflete sobre as diferenças entre *racialismo*, *racismo extrínseco* e *racismo intrínseco*. O *racialismo* seria baseado em características hereditárias, possuídas por membros de nossa espécie, que nos permitem dividi-los num pequeno conjunto de raças, de tal modo que todos os membros dessas raças compartilham entre si certos traços e tendências que eles não têm em comum com membros de nenhuma outra raça. O *racismo extrínseco* seria fundamentado em distinções morais entre os membros das diferentes raças. Já no *racismo intrínseco*, as pessoas estabelecem diferenças morais entre os membros das diferentes raças.

Para Appiah, ambos os racismos seriam ideológicos, mas existem algumas diferenças entre eles. O “intrínseco declara que certo grupo é objetável, sejam quais forem seus traços”. Já o “extrínseco fundamenta suas aversões em alegações sobre características objetáveis”. Appiah, ainda conclui que tais fundamentações para o pan-africanismo tem bases errôneas por se basearem no racismo (intrínseco) e por suporem que os africanos possuem um passado comum. Este seria menor do que se supõe, visto que os passados pré-coloniais são tão diferentes quanto as experiências coloniais.

No ano de 2014, o livro *Americanah*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, foi publicado nos Estados Unidos. Esta obra aborda a “noção de raça” neste país e na Nigéria. O romance conta a história de Ifemelu, nascida na Nigéria, que vai para os Estados Unidos estudar na universidade. Neste país, ela acaba tendo bom êxito nos estudos e criando um blog que faz muito sucesso. Neste blog, ela acaba discutindo a questão racial no país americano, por vezes comparando esse contexto com o da Nigéria. Desta forma, a protagonista da trama acaba mostrando que o racismo nas “Américas” é muito mais evidente, visto que antes de chegar à América do Norte ela não tinha sofrido preconceito por ser negra. Assim, a ideia de “pertencimento” à raça negra, do ponto de vista sociológico, só se deu quando ela descobriu que homens e mulheres são julgados no Ocidente por sua cor da pele, e não só pela classe social, como ocorre no seu país de

origem. Eis o que Ifemelu escreve, em seu blog, com o título: *Obama é alguma coisa além de negro?*:

Muita gente – principalmente quem não é negro – diz que Obama não é negro, é birracial, multirracial, mestiço, qualquer coisa menos simplesmente negro. Porque a mãe dele era branca. Mas raça não é biologia; raça é sociologia. Raça não é genótipo; é fenótipo. A raça importa por causa do racismo. E o racismo é absurdo porque gira em torno da aparência. Não do sangue que corre nas suas veias. Gira em torno do tom da sua pele, do formato do seu nariz, dos cachos do seu cabelo. (ADICHIE, 2014, p.366)

Logo, por meio dos escritos de Ifemelu, é possível observar que ela entendera que as relações étnico-raciais, na Nigéria e nos Estados Unidos, são diferentes. Mais uma vez, a literatura acaba sendo uma forma de fazer com que reflitamos sobre estas questões que foram e ainda estão sendo discutidas na sociedade.

João Melo, autor do livro que é objeto deste estudo, pôde também nos revelar um pouco como ocorrem as relações étnico-raciais, em seu país, por meio de personagens que – de certo modo – não sabem lidar muito bem com esta questão. O personagem Charles Dupret, estilista angolano, é visto pelo narrador como um “maluco”, pois o mesmo semostrar obcecado em revelar que seria um “verdadeiro angolano” por ser da cor negra e não possuir sangue europeu nas suas veias.

O problema (ou simplesmente a questão, para não começar logo a dramatizar...) é que ele levava isso tão a peito, que o cenário de todos os desfiles que fazia era sempre totalmente preto, das passarelas aos cortinados, passando pelas cadeiras, pelas lâmpadas e todos os outros adereços. Escusaria de acrescentar que, obviamente, os próprios modelos eram também pretos, se não fosse necessário, pelo menos como curiosidade, evocar a abertura esdrúxula que costumava anunciar, através de um poderoso e oculto altifalante, a respectiva entrada na passarela: *Senhoras e senhores, vão passar a seguir as pretas e os pretos autênticos de Charles Dupret, os únicos que são imunes ao efeito estufa!* (MELO, 2008, p. 62)

A respeito de suas criações, o narrador – ironicamente – mostra, por meio das indagações de um jornalista que aparece no conto, que os únicos que adquiriam as roupas do estilista eram “os mais brancos, os mais endinheirados”. Como resposta a esses questionamentos, o estilista diz que esta é uma forma dos brancos pagarem o que lhes devem pelos séculos que os escravizaram. Assim, percebemos que o “ódio” que carrega Dupret é fruto da escravidão, do colonialismo em Angola até a década de 70. Como dito anteriormente, o branco é a cor do homem português, que explorou

oterritório angolano, já o mestiço é a cor dos filhos do homem português com as mulheres negras angolanas.

Como afirma o narrador, Charles Dupret habitualmente fazia das refeições com a família um palanque. Desta forma, quando todos estavam reunidos, aproveitava para proferir os seus discursos. Um dos mais famosos acabara se tornando de conhecimento público e com isso, motivo de piada nacional. Conta-se que certo dia, a família estava à mesa de jantar, quando lhes foi servido “bacalhau”. Dupret, furioso, dizia o prato tinha origem portuguesa e, não seria mais permitido que este alimento fosse servido na sua casa. Porém, Sandra Cristina - a filha mais nova do estilista – explica que a comida que causara desconforto ao seu pai, na verdade, tinha origem norueguesa. Contrariado, o estilista respondeu:

Mais uma razão!,disse, Mais uma razão! Como é que um peixe que tem a obrigação de ser civilizado se deixa apanhar à toa pelos portugueses [...] Não te rias, filha! Acredita no que te digo: o bacalhau é o cavalo de Tróia utilizado pelos portugueses para continuar a ter os angolanos na mão! (MELO, 2008, p. 66, 67)

Assim, o narrador ressalta que o discurso de Dupret chegava a ser alucinante e paranoico. No final da história, ele expulsa a filha e a mulher de casa “em nome de suas raízes”, pois elas não queriam apenas comer os pratos típicos de Angola e preferiam escutar a “música desse preto armado em branco, “Michel não sei das quantas”” (2008, p.70). Desta forma, fica claro que o mesmo ficara completamente *malaico* e a sua falta de lucidez, por vezes, pode ser comparada à de um célebre personagem da Literatura Brasileira chamado Policarpo Quaresma, criado por Lima Barreto. Este, assim como Dupret, demonstrava o seu amor pela pátria de forma exacerbada. No conto “O efeito estufa”, o personagem de João Melo era tido como louco por buscar uma “autenticidade” que não existe, afinal a população de Angola – queiram os angolanos ou não- é heterogênea.

Não é de hoje que os efeitos da mistura de raças são discutidos. Porém, é importante salientar que este debate ainda causa desconforto, seja em países como o Brasil, que tiveram sua independência há bastante tempo, ou em países como Angola, que conquistaram sua independência recentemente. Relembrar o passado nem sempre é agradável, porque nele podem restar marcas negativas deixadas na história de um povo. O processo de mestiçagem – em Angola – já nasceu controverso, por meio da violência do colonizador em relação ao colonizado, que gera a mestiçagem.

Termo que começa por referir o cruzamento de raças ou, talvez melhor, de grupos racializados. É um fenómeno tão antigo como a própria Humanidade, conquanto apenas após a racialização do mundo, que ocorre a partir de meados do século XIX, tenha ganho a expressividade social que hoje lhe conhecemos. (CRISTÓVÃO, 2005, p. 702)

Este conceito emerge no século XIX confrontando com o conceito de raça, desenvolvido nos finais do século XVIII, fruto de desenvolvimentos ocorridos no âmbito das ciências naturais, nomeadamente da biologia e da botânica, como já fora dito. Muitos cientistas, nesta época, defendiam que o processo de mestiçagem era uma forma de degeneração do ser humano, pois apresentavam o mestiço como um ser inquieto, psicologicamente instável. Assim:

Vários foram os cientistas, antropólogos e sociólogos que, mais ou menos diretamente, assim procederam, entendendo o mestiço como um homem marginal, termo constante do título de um livro (*The Marginal Man: A Study in Personality and Culture Conflict*, Nova Iorque, 1937) de Everett Stonequist, sociólogo americano, cuja teorização a propósito do *mal adjustment* do mestiço fez na época (fins dos anos 30 e anos 40) doutrina entre os colegas. (CRISTÓVÃO, 2005, p. 702)

Outro aspecto dessa discussão é apontado por Stelamaris Coser:

A primeira definição de híbrido proposta pelo *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (2001, p. 1526) aponta para o conteúdo negativo do termo: “animal ger. Estéril, formado pelo cruzamento de progenitores de espécies diferentes; bastardo”. (COSER, 2010, p. 165)

Nos Estados Unidos, como afirma Coser, “a mistura racial e étnica sempre se manteve como algo distante e perigoso.” (2010, p. 165). Porém, foi preciso lidar com a inevitável aproximação entre raças.

Desta influência muitos estudiosos se “alimentaram”. O grande equívoco, como se sabe, acabou por “alimentar” a ideologia *nazi*, com todos os efeitos hediondos que daí decorreram. Estudos revelam que apenas nos anos 50 se chega a uma progressiva normalização na consideração social do mestiço, graças às declarações da UNESCO (de 1950, 1951 e 1964):

À postura de cientistas como Claude Lévi-Strauss (*Race et Histoire*, Paris, 1952) e Ashley Montagu (*Man's Most Dangerous Myth: The Fallacy of Race*, Cleveland, 1964), que, ao subtraírem ao conceito de raça qualquer suporte científico, desmistificaram a tão propagada inferioridade do mestiço. Foram ajudados nessa tarefa por movimentos sociais que ocorreram na década de 60, tanto nos Estados Unidos, como na Europa. (CRISTÓVÃO, 2005, p. 703)

As transformações dos anos 50 fizeram com que se propagasse a negação da pretensa superioridade de uma cultura em relação às outras baseadas nas teorias

racialistas do século XIX. Franz Boas, etnólogo alemão imigrado nos Estados Unidos, teve um papel importante na desmistificação deste equívoco.

Mais adiante, o livro hibridamente intitulado *Nem preto nem branco*, do historiador Carl Degler (1971), foi premiado por seu estudo comparativo das relações raciais Brasil-Estados Unidos, com a tese de que o menor grau de conflito brasileiro se devia à maior flexibilidade da posição do mulato na hierarquia social. (COSER, 2010, p. 166)

Um dos discípulos de Franz Boas, no Brasil, foi Gilberto Freyre. Muitos defendem que foi o primeiro sociólogo brasileiro a ganhar fama internacional. Ainda jovem, publicou o seu mais importante livro, *Casa Grande e Senzala* (1933), em que defende a importância da mestiçagem na formação do povo brasileiro, constituído a partir do colonizador (o português), o indígena (o índio) e o africano (trazido do seu continente de origem como escravo).

Freyre iniciou com *Casa Grande e Senzala*, uma corrente de pensamento circunscrita ao mundo de influência portuguesa de valorização da mestiçagem, de que o *luso-tropicalismo* será, por ventura, o seu momento mais estruturado.

O luso-tropicalismo consiste numa teoria ou, talvez melhor, num conjunto de proposições teóricas, na base das quais o autor procurou interpretar a presença portuguesa nos trópicos (não propriamente, o colonialismo português), apontando para o efeito, três características dessa presença, inicialmente explicitadas no livro *Casa Grande e Senzala*, que são: a mobilidade, a miscibilidade e a aclimatabilidade. (CRISTÓVÃO, 2005, p. 703)

Segundo o sociólogo, o Estado Novo português se apropria do luso-tropicalismo, pondo-o ao serviço da sua causa colonial, não obstante a violência implícita nas relações sexuais acontecidas sob a hegemonia de uma das raças no âmbito da dominação colonial, trata-se de um conjunto de proposições teóricas que, de alguma forma, refletem aspectos da expansão portuguesa nos trópicos.

Apesar de contestado, o luso-tropicalismo tenta explicar o português por meio de sua história – na época do descobrimento e do colonialismo.

O luso-tropicalismo parece integrar hoje o senso comum em Portugal, que o mesmo será dizer, por ele passa muito da relação identitária que o Português estabelece com a história do seu país, com os Descobrimentos, com o colonialismo e, conseqüentemente, com o fenómeno da mestiçagem que, não tendo sido, de modo algum, estranho à formação do próprio povo português antes da expansão ultramarina, foi, durante esse evento, recorrente um pouco por toda a parte onde os Portugueses marcaram a sua presença, como também

no próprio território metropolitano, destino, pelo menos até meados do século XVIII, de escravos proveniente da África. Isto não obstante alguns indicadores referentes ao período pós-colonial mostrarem que os Portugueses inflectem, em termos de racismo, no sentido contrário das teses lusotropicalistas. (CRISTÓVÃO, 2010, p. 703)

Hoje, é importante destacar que a democracia racial é encarada como *mito*, principalmente por parte de setores sociais que consideram as ideias de Freyre utópicas, pois mascaram a realidade. Uma prova disso é o fortalecimento das políticas afirmativas no Brasil, que visam a promover a igualdade de oportunidades entre as diferentes raças.

Estudos comparativos das diferentes percepções de raça, cor e classe multiplicaram-se ao longo das décadas seguintes, mas o elogio do sincrético e do híbrido foi gradativamente perdendo a força. Com a persistência da desigualdade e da discriminação no Brasil, a falência das propostas assimilacionistas nos Estados Unidos e a crescente afirmação da diferença por parte dos afro-descendentes, o arco-íris da população brasileira passou a ser interpretado como forma de mascaramento da desigualdade social e racial e perpetuação do poder da hegemonia branca (e.g. por Skidmore, 1974) (COSER, 2010, p. 168)

O fenômeno da mestiçagem é familiar na língua portuguesa, como será no de língua castelhana e, eventualmente, no de língua francesa. Assim, segundo Coser, o hibridismo desenvolvido pela biologia vai aos poucos migrando para outros campos como, por exemplo, os estudos linguísticos, que procuram explicar as misturas de uma língua europeia e de outra língua nativa ou africana que resultaram nas línguas crioulas. Estas tornaram-se línguas maternas de certas comunidades, como Guiné-Bissau. Contudo, percebemos que este “fenômeno” não é encontrado no mundo anglo-saxônico, cuja intolerância à miscigenação dá-se, por exemplo, nos Estados Unidos, a partir de leis contra a miscigenação que se tornaram inconstitucionais após a Guerra Civil. Atualmente, o quadro é diferente. Prova disso é o grande número de estudiosos sobre este assunto no país americano e na Grã-Bretanha. Um dos pontos que motivaram estes estudos foi a globalização, que tem originado o deslocamento de pessoas e, conseqüentemente, cruzamentos culturais e biológicos que atingem proporções inéditas. Esta mistura generalizada tem sido chamada, por muitos acadêmicos de hibridização.

Um conceito recuperado da antropologia biológica, significando um atributo de intercâmbio de atributos biológicos, em que os lados se compensam reciprocamente nas respectivas deficiências e se reforçam nas qualidades. (CRISTÓVÃO, 2005, P. 704)

Coser destaca a importância de Stuart Hall e Homi K. Bhabha na discussão deste assunto. Segundo ela, Hall diz que:

Hibridismo se refere não a um sujeito híbrido, formado e assumido como tal, mas ao angustiante processo de tradução cultural. Sem glorificar nem crucificar a globalização, Hall (2001 e 2003) aponta os movimentos complexos, contraditórios e desestabilizadores entre tradição e tradução que atuam na “produção de novas identidades” em condições diaspóricas. Como ele enfatiza (2003, p.83), “as comunidades migrantes trazem as marcas da diáspora, da “hibridização” e da *différance* em sua própria constituição” (COSER, 2010, p. 172)

Este fenômeno é chamado pelos francófonos como *mestiçagem cultural*, e muitos portugueses também encontraram nestas palavras a melhor forma de expressar o que venha a ser esta fusão de culturas.

Hibridização, mestiçagem, crioulização são termos polissêmicos que procuram, nestas circunstâncias, traduzir um modelo de integração vi ou multilateral, em que os países e as sociedades de acolhimento inflectem no sentido das culturas imigrantes.

A mestiçagem entendida nestes termos remete para um sentido mais cultural do que biológico, valendo, como tal, como um paradigma em função do qual são caracterizadas vivências pessoais e sociais, assim como definidos processos de investigação e de aprofundamento do conhecimento científico a esse propósito. Num sentido não muito diferente deste, igualmente transcendental, tem sido o termo utilizado por determinados intelectuais africanos, tais como o escritor senegalês Samba Diop, pode caracterizar o cruzamento interétnico em África. (CRISTÓVÃO, 2005, p. 704)

Pensar sobre esta intersecção de culturas, também nos permite refletir sobre conceitos como *aculturação*, *endoculturação*, *multiculturalismo* e *interculturalismo*, que emergiram nos séculos XX e XXI com a crescente escala dos movimentos migratórios no mundo inteiro. O multiculturalismo – por exemplo, serve para descrever:

Situações sociais que resultam do encontro de diferenças várias (de natureza étnica, física, cultural, religiosa, entre outras) num espaço geográfico partilhado. Neste sentido, o termo tem sido utilizado tanto à macro-escala, identificando nações ou aglomerados humanos de grandes dimensões, como à micro-escala, reportando-se a comunidades ou instituições constituídas por um conjunto de grupos diferenciados através de características evidenciáveis, que vão desde a sua aparência física (cor da pele, adornos, vestuário) a factores de ordem sociocultural (identidade étnica, língua, religião, modos de vida). (CRISTÓVÃO, 2005, p. 25)

No âmbito da ciência política, o estudo do multiculturalismo pode ser uma linha de ação que possibilita um relacionamento harmonioso de grupos minoritários no seio de diferentes nações. Esta também é uma tentativa de contrariar a tendência

uniformizadora da globalização. Os defensores desta linha – em geral – estão na América do Norte, na Europa Ocidental e posteriormente em alguns países da América Latina. Neste último caso, com o surgimento de diversos movimentos de autodeterminação dos povos indígenas.

Em contrapartida, alguns teóricos têm criticado estes estudos, pois dizem que os mesmos reforçariam ações políticas discriminatórias que contribuiriam para a “guetização” dos grupos. Assim, como alternativa começa a surgir o conceito de *interculturalismo*, que visa a integração das culturas, mas com a manutenção de suas diferenças.

Contudo, apesar das redefinições é preciso pensar que este modelo interculturalista acaba deixando de lado vertentes relevantes, como: a socioeconômica.

Para especialistas:

este ceptismo à eficácia de um programa intercultural assume particular importância numa arena política onde as relações hegemônicas entre os vários grupos (maiorias e minorias, dominantes e dominados) têm, certamente um peso considerável”. (CRISTÓVÃO, 2005, p. 26)

Com o tempo, os estudos sobre os processos de aculturação também foram se proliferando e os mesmos têm sido utilizados com dois sentidos distintos:

No domínio da psicologia social refere-se ao processo de aprendizagem de uma cultura ou ambiente cultural ao qual se pertence, desde a infância até à idade adulta – com esta acepção particular, a tônica é posta na educação e na aprendizagem de uma cultura ou ambiente cultural ao qual se pertence, desde a infância até à idade adulta – com esta acepção particular a tônica é posta na educação e na aprendizagem, pelo que muitos autores preferem, neste caso, utilizar o termo <<endoculturação>> ou <<socialização>> para designar este tipo de fenómenos. No domínio da antropologia cultural, <<aculturação>> é o termo utilizado para designar os fenómenos de contacto e de interpenetração entre diferentes civilizações, tendo sido especialmente desenvolvido pelos antropólogos norte-americanos desde finais do século XIX. (CRISTÓVÃO, 2005, p. 25)

A respeito dos conceitos ditos anteriormente, podemos perceber o quanto a relação entre os seres humanos é deveras complexa e que o encontro de uns com os outros nem sempre é feito de forma amistosa. Neste capítulo já foram tratados os mais diversos conceitos para compreender as relações étnico-raciais a nível mundial, contudo queremos chamar a atenção de como isso ocorre efetivamente em Angola. Para isso, precisamos entender que antes da relação do português com o angolano existia a relação do angolano com o angolano, logo é necessário compreender como se dava a relação entre os grupos étnicos, neste país.

A etnia é um grupo social que compartilha língua, religião, conhecimentos e defesas comuns. Entre 1960 e 1970, este conceito começa a ressurgir na literatura das ciências sociais e da etnologia, porém nos dias de hoje se observa uma dificuldade de estudar os grupos étnicos devido à *fortemiscigenação* que ocorreram entre os povos.

Nem sempre a relação entre os grupos étnicos foi amistosa e estes *desafetos*, por vezes, eram motivados pelo colonizador que então chegou naquela terra. Desta forma, precisamos pensar que além das diferenças étnicas encontradas neste país, o mesmo também precisa lidar com as diferenças raciais que constituem o seu território; já *foi* abordado como se sente o angolano negro numa Angola Pós-independência por meio do conto “O efeito estufa”, através da análise do comportamento do personagem Charles Dupret. Porém, existem brancos que moram nesta terra, muitos dos quais não são estrangeiros, mas nasceram no país – como nos diz o conto “Ngola Kiluanje”, inserido no livro *Filhos da Pátria*.

Narrado em primeira pessoa, a história mostra como um “branco e angolano” ou “branco, embora angolano”, como o narrador-personagem expressa, se sente num país no qual a maioria tem a cor negra. Assim, questionamentos como: “o que é ser um autêntico angolano?” e “pode um branco se considerar angolano” vem à tona. Adentrando a história, encontramos algumas respostas para este questionamento.

Ngola Kiluanji é um homem angolano que viveu durante quinze anos no Brasil e depois de muito tempo decide regressar a Angola. Contudo, antes de voltar para o seu país, em sua cabeça lhe vem memórias de como era a sua vida e a de sua família no país natal. Suas lembranças são deveras importantes, pois mostram que muitos dos conflitos psicológicos do narrador-personagem surgem pelo fato dele ser branco.

Cabe salientar que Ngola Kiluanji não é o seu nome oficial e sim, um apelido dado por Jussara, uma mulher brasileira que ele conheceu quando veio estudar no Rio de Janeiro e com quem mantinha um caso. Logo, seu nome era António Manuel da Silva, e o apelido foi dado porque sua namorada achava que combinava mais com a sua identidade angolana. Assim, percebemos que os problemas de identidade com ele já iniciam no nome, pois este é de origem portuguesa.

Assim como Ngola Kiluanji, seus pais também nasceram em Angola e, apesar de mostrarem grande carinho pela terra, sentiam que os demais angolanos negros não os aceitavam por eles terem a cor branca. Desta forma, quando ele decide voltar para a sua terra e conta para o seu pai, o discurso do pai explica um pouco sobre as como se dão as relações étnico-raciais em Angola:

Nós sempre fomos uma família normal, meu filho! Como sabes, não apenas vocês, mas também eu e a vossa falecida mãe já nascemos em Angola. Até o dia em que aquele avião nos levou do Huambo para Lisboa, nem sequer conhecíamos Portugal... Em todas as cidades de Angola onde vivemos, limitei-me a trabalhar honestamente, para dar à minha mulher e aos meus filhos uma vida decente. Assisti, é claro, a muitas coisas indignas, de fazer doer o coração, mas o que podia eu fazer? Talvez tenham sido essas coisas, no fundo, que me foram levando a pensar, sem eu me dar conta, por vezes, que Angola não poderia continuar para sempre ligada a Portugal... Quando os militares tomaram o poder em Portugal e se tornou evidente que Angola, como as outras colónias, seria independente mais depressa do que muitos imaginavam, pensei que eu e os meus filhos, finalmente, poderíamos contribuir para construir o nosso próprio país, corrigindo o que estava mal e transformando-o com certeza, numa autêntica potência e m África! Mas o que aconteceu a seguir dói-me tanto, ainda hoje, que não gosto sequer de me lembrar disso... Fomos para Portugal, nem eu sei como ... Maldito país! Nem eu, nem a vossa mãe o aguentou muito tempo!... Aqui estamos muito melhor ... Não sei se é o clima, se são as pessoas – mas isto aqui faz-me lembrar Angola! Quer dizer, a Angola que eu continuo – para quê mentir-te? – a ter na cabeça (salvo, claro está, alguns excessos e distorções, que, aliás, o Brasil também tem, principalmente contra os negros e contra os pobres...), pois, para falar a verdade, já não sei como está a nossa terra... Toda a gente me diz que está muito mudada, para pior, a guerra nunca mais termina, a corrupção está espalhada por todo o lado... É para essa Angola que tu queres regressar? Já pensaste bem? ... Há outro problema, meu filho. O colonialismo fez muito mal aos pretos. Eu próprio, como já disse, assisti a coisas terríveis... É natural, portanto, que eles agora não aceitem que os brancos também queiram ou possam ser angolanos, pois, por mais dificuldades que tenhamos em aceitá-lo, o facto é que nós éramos a face visível imediata do colonialismo e da exploração de que eles eram vítimas, ainda que muitos de nós, nascidos lá ou não, não tivéssemos nada a ver diretamente com isso e também já nos sentíssemos tão filhos da terra como os pretos ... Mas, segundo me disseram, até alguns brancos que lutaram pela independência do país estão a ter problemas, uns estão a ser presos, outros estão a ser exonerados dos cargos que ocupavam!... Embora eu não seja rancoroso, devo dizer que para alguns deles é bem feito! Na verdade, muitos deles, quando entraram no país, depois do 25 de Abril, tinham um discurso mais radical do que muitos pretos, até parece que queriam ser mais pretos do que os pretos de verdade! ... Sim, meu filho, acredita! Quem é que, por exemplo, antes da independência, começou a questionar a possibilidade dos brancos que permaneceram sob a administração colonial (e até dos mestiços, vê lá!) adquirirem a cidadania angolana? Em quem é que, depois da independência, tratou de justificar, com ela elaborados argumentos históricos e ideológicos, aparentemente incontestáveis, a colocação de uma data de indivíduos mal preparados e incompetentes em lugares de responsabilidade, apenas por serem pretos? Aliás, isso é que destruiu a nossa terra... Ou será que isso tinha que ser mesmo assim? [...] Nós, os brancos angolanos, que amamos Angola por ser a nossa terra (tenhamos ou não pegado em armas para lutar por ela), temos de nos contentar em ser cidadãos subalternos, do mesmo modo que, durante o período colonial, os outros nos consideravam “brancos de segunda”? Estás preparado para ser “cidadão de segunda” no teu próprio país? (2008, p. 113-114)

De fato, este é um discurso forte e certamente elucidado não só as consequências do colonialismo para a população branca angolana, mas também para a população negra. Pois, apesar do pai de Manuel sentir-se deslocado no seu país, ele compreende os

motivos pelos quais os negros angolanos veem os brancos angolanos como “cidadãos de segunda”. Na verdade, durante muito tempo, o negro foi visto como “cidadão de segunda”, prova disso são todas as teorias científicas ditas anteriormente que defendiam que quem tivesse a pele negra era inferior. A respeito disso, o livro *Pele negra, máscaras brancas* (1952), de Frantz Fanon, nos conduz ao universo atribuído ao negro que foi sistematicamente condicionado pelo branco. Em frases como: “No primeiro olhar branco, ele sentiu o peso de sua melanina”, Fanon nos mostra todo o peso de ser negro. Séculos de escravidão e colonização determinaram um olhar sobre o outro do qual é difícil para não dizer impossível, se despojar: “Quando me amam, dizem que é apesar da cor da minha pele. Quando me detestam, se justificam dizendo que não é pela cor da pele. Em uma ou outra situação, sou prisioneiro de um círculo infernal”.

No conto, Ngola Kluangi retorna para Angola motivado pela conversa que teve com Jussara, esta lhe contou que participara de um simpósio sobre literatura africana em língua portuguesa em que um dos convidados era um escritor angolano branco. Ela relata que, quando o mesmo fora questionado pelo fato de terem mandado um escritor angolano branco e não um angolano negro, o mesmo responde dizendo: “Meus senhores, se pensam que eu vou pedir desculpas por ser branco, estão muito enganados!” (2008, p. 114) O escritor ainda teorizava dizendo:

A verdade é que, até agora, os oprimidos apenas têm macaqueado os opressores! Por exemplo, nós africanos, estamos muito revoltados e inquietos por causa das tendências xenófobas que se registram agora na Europa, mas o que acontece é que repetimos essas mesmas tendências nos nossos próprios países, pois somos capazes de propor ao mundo uma nova civilização, mais humana... (2008, p. 115)

Assim, Jussara não precisou falar de forma direta para que Kluangi voltasse, porém o mesmo entendeu que, acima destas questões raciais, o que importava mesmo era ele ser feliz.

Recentemente, no dia 17 de abril de 2015, Achille Mbembe - o filósofo, cientista político e intelectual camaronês - teve um texto publicado na *Rede Angola*, no qual escreveu sobre a recente violência contra os estrangeiros na África do Sul. O título do artigo é “Nenhum africano é estrangeiro em África”, que nos faz pensar que a violência xenófoba que ocorrera no país é “fruto de uma complexa cadeia de cumplicidades – algumas vocais e explícitas e outras tácticas”⁴.

⁴<http://www.redeangola.info/nenhum-africano-e-estrangeiro-em-africa/>

O texto ainda diz que:

Mbembe afirma que, à diferença da última vaga de violência xenófoba no país, em 2008, quando morreram 72 estrangeiros, esta tem uns “rudimentos” de ideologia subjacente, uma “aparência de discurso destinada a justificar as atrocidades”, que são mais negros, que são usados pelos brancos que preferem explorá-los a contratar sul-africanos, que roubam os empregos aos sul-africanos, etc.
No entanto, “nenhum africano é estrangeiro em África!”, exclama Mbembe.

Desta forma, Mbembe expressa que a África pertence a todos e:

em vez de derramar sangue africano, todos os africanos deviam estar a reconstruir o continente e colocar um ponto final a “uma longa e dolorosa história – que, durante demasiado tempo, tem ditado que ser negro (não importa onde ou quando) é uma desvantagem

Para ele, “cada golpe contra um estrangeiro na África do Sul abre uma ferida enorme que nunca poderá ser curada. Ou, se a conseguirmos curar, deverá deixar ‘nesses estrangeiros’ o tipo de cicatrizes que nunca mais poderão ser removidas”.

Parafraseando Mbembe, acredito que “Angola também é para todos”! Homens negros e mulheres negras, homens brancos e mulheres brancas. Estes merecerem viver em espaços com uma boa infraestrutura, precisam viver num país que combina pujança com justiça social. Desde 1978, o país está centrado nas mãos de um partido. As principais empresas estão nas mãos de uma elite política. Desta forma, uma das conclusões que chegamos é que a renda do alto crescimento econômico precisa ser revertida para toda sociedade. Além disso, uma das coisas que precisam ser revistas são as relações étnico-raciais que trazem os fantasmas da colonização. A autêntica Angola é heterogênea e é preciso que os angolanos aprendam a lidar com isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é fácil falar da periferia, muito menos tratar das questões raciais na sociedade em que vivemos, porque para revisitar os aspectos mais íntimos que constituem o ser humano é preciso adentrar a sua história. Desta forma, “remexer” na nossa memória, por vezes, causa desconforto e não resulta tão agradável. Porém, apesar deste exercício não ser tão simples e confortável, precisamos compreender que olhar para o passado é uma forma de entendermos quem somos e sermos mais justos conosco. Para mim, esta dissertação foi uma forma de encontro, um momento que pude estudar sobre a história de um povo que vive do outro lado do oceano Atlântico, porém compartilha os mesmos desafios que a população brasileira enfrenta no seu dia a dia. Brasil e Angola foram dois países colonizados por Portugal e, apesar deste trabalho não ter sido um estudo comparativo, considero importante traçar algumas aproximações destas regiões a fim de refletir sobre as consequências da colonização nestes países.

No século XXI, com a crescente discussão proposta pelos estudos culturais e pós-coloniais nas universidades, a diversidade cultural que permeia os povos acabou sendo valorizada, visto que, ao analisarmos a formação dos países, compreendemos que estes são uma “mistura” de povos que ali deixaram a sua marca. Estas marcas são vistas na cultura de determinadas regiões ou até mesmo na cor da população que carrega os genes de diferentes povos. Todavia, este “encontro” nem sempre ocorreu de forma amistosa, pois a ideia de superioridade de uns em relação aos outros prevaleceu. A ganância desencadeada pelos impérios coloniais do século XIX e XX na busca de riquezas e terras fez com que a humanidade entrasse numa guerra sem fim, numa disputa desenfreada pelo poder, esse substantivo abstrato que permeia o campo ideológico.

História por história, o que podemos observar é que Brasil e Angola possuem muitas semelhanças, a começar pela sua geografia, que faz com que o clima do país angolano seja muito parecido com o da região nordeste da nação brasileira. Também cabe salientar que angolanos e brasileiros tiveram seu primeiro contato devido à colonização comum (Portugal) e ao tráfico de escravos no Atlântico. A partir daí, o Brasil sofreu grande influência de Angola, principalmente no que diz respeito à cultura.

Contudo, também saliento que permanecem outras semelhanças não tão agradáveis, como a desigualdade, a exclusão social, o trabalho infantil e a cruel violação dos Direitos Humanos. Sendo assim, o que me chama a atenção é que existe um grande paradoxo que ocorre nesses países: ambos possuem abundância em riquezas naturais, ao mesmo tempo em que possuem uma grande parte da população à beira da marginalização. Logo, percebemos que os efeitos do sistema colonialista, nestes dois países, se manifestam em problemas socioeconômicos para grande parte da população que, paradoxalmente, é chamada de “minoria”. Esta minoria que na verdade compõe a grande parte dos habitantes moram em locais com pouca infraestrutura e serviços básicos, são conhecidos como favelas. Este espaço foi formado, desde o princípio, por pessoas não assistidas pelo governo e que vivem em países africanos ou latino-americanos que - por vezes - serviram ou servem de “fantoques” nas mãos dos “países desenvolvidos”. Desta forma, precisamos estar atentos às Literaturas que falam da periferia, precisamos escutar as vozes que nesses espaços surgem, porque elas nos a complexidade que existe nos países do Terceiro Mundo. A importância da Literatura está no grande encontro consigo mesmo que ela permite ao ser humano, o que demonstramos ter encontrado nos contos de João Melo aqui analisados.

No livro *Filhos da Pátria*, de João Melo, foram expostos muitos problemas, no qual enfrentam - hoje - grande parte da população angolana. Logo, quando nos deparamos com histórias como estas, o que nos cabe não é só olhar para o presente, mas refletir a trajetória de um país que durante muito tempo enfrentou a guerra civil em seu solo. Causa-nos comoção ao ver histórias de meninas e meninos abandonados no mundo, como ocorre em “O feto” ou no conto “Tio, mi da só cem”, porém nos causa indignação quando percebemos uma elite, apresentada em “O cortejo”, alheia aos problemas da população. Revolta, também é um sentimento recorrente no texto, quando vemos que para grande parte do sistema político angolano está imerso na corrupção, como é falado no conto “O elevador”. Comoção, indignação, revolta... Enfim, são muitas as sensações que a literatura pós-colonialista pode nos causar, pelo próprio fato dela ser tida como “subalterna”. “Subalterna” porque se propõe a falar de “espaços subalternos”. No entanto, esta literatura tem grandes méritos, pois nos faz refletir sobre a diversidade cultural presente em nações que passaram por um longo período de colonização.

A “diversidade” cultural faz parte da nossa constituição, porém em geral não é experimentada de modo positivo na vida social. A formação de Angola e do Brasil é

híbrida, assim como a de Portugal – país que os colonizou. Porém, este processo de mestiçagem não é compreendido pela população, porque já no ensino básico, o estudo da história privilegia a perspectiva eurocêntrica. Como efeitos da desumanização colonial, os povos, línguas e culturas nativos não são recebidos com a devida importância.

Por fim, a partir da leitura do livro *Filhos da Pátria*, de João Melo, saliento o quanto importante é o estudo das relações étnico-raciais nestes países, e a literatura africana, mais especificamente a angolana, nos possibilita a pensar sobre isso. O conhecimento do passado faz com que queiramos ir ao encontro do outro. Ir ao encontro do outro é fazer com que possamos descobrir no presente um pouco mais das nossas raízes comuns. Para descobrirmos a nossa raiz é preciso escutar não só o lado dos que dominam, mas também dos que foram dominados. Já dizia o Provérbio Africano, “Até que os leões contem suas histórias, os contos de caça glorificarão sempre o caçador.” Entretanto, para escutar as histórias dos leões é preciso lembrá-los de que eles existem.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Editora Companhia das Letras, 2014.
- AMARAL, Ilídio. 1968. *Luanda: estudo de geografia urbana*. Lisboa: Memórias de Junta de Investigação do Ultramar, n.º 53.
- APPIAH, Kwame Anthony Appiah. *Na casa do meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- BERND, Zilá (Org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo: Ed. da Universidade, 2007. 704 p.
- CHABAL, Patrick. O estado pós-colonial na África de expressão *portuguesa*. Categorias: Soronda.Nr. 15 – 1993. ID Título: S_1993_15_02.
- COSER, Stelamaris. *Híbrido, Hibridismo e hibridização*. In. *Conceitos de literatura e Cultura*. Org. Figueiredo. Eurídice. Juiz de Fora, Niterói: EdUFF, Editora UFJF, 2005.
- CRISTÓVÃO, Fernando (Diretor e Coordenador). *Dicionário temático da lusofonia*. Lisboa: Texto Editoras Lusófonas, 2005.
- DUARTE, Carina Marques. *Entre Memória e Esquecimento: a formação das identidades em Nosso Musseque e Venenos de Deus, remédio do Diabo*. Ano: 2014.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.
- FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.
- FELIX, Vanessa. *Quem foi a pátria que me pariu? A importância das literaturas africanas para a construção da identidade brasileira*. Porto Alegre, 2013.
- FREYRE, Gilberto Freyre. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Preconceito Racial: modos, temas e tempos*. São Paulo: Cortez, 2008).
- MACEDO, José Rivair. *Desvendando a história da África*. Porto Alegre. Editora da Ufrgs, 2008.
- MARQUES, Rafael. *Diamantes em Angola: corrupção e tortura em Angola*. Lisboa: 2011.
- MBEMBE, Achille. Nenhum africano é estrangeiro em África. Disponível em <<http://www.redeangola.info/nenhum-africano-e-estrangeiro-em-africa/>> Acesso em 7 de maio de 2015.
- MELO, João. *Filhos da Pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

- MIGNOLO, Walter. *La RazónPostcolonial - heranciasColoniales y teoríaspostcoloniales*. Gragoatá. N1, p.7-29. 2 sem.2005.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Voices Marginais na Literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- OLIVEIRA, Thayane Lopes. Resenha sobre o livro *A identidade cultural na pós-modernidade*. Disponível em http://www.historia.ufc.br/admin/upload/Resenha_2.pdf Acesso em 3 de junho de 2015.
- ORWELL, George. Edição RidendoCastigat Mores. Fonte Digital. Ano 2000. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/animaisf.pdf> Acesso em 7 de maio de 2015.
- PEPETELA. *A Geração da utopia*. 10. ed. Alfragide, Portugal: D. Quixote, 2010.
- _____. *MAYOMBE*. Luanda: Edições Maianga, 2004.
- _____. *O tímido e as mulheres*. Editora Dom Quixote, ano 2013.
- _____. *Predadores*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008. – Coleção ponta – de lança.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Ática, 1992.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. *Outros poderes, outros conhecimentos*. Disponível em <http://www.uff.br/revistagracoata/revistas/gragoata34web.pdf> Acesso em 7 de junho de 2015.
- RUCKERT, Gustavo Ribeiro. *Romance, oralidade e resistência em Nosso Musseque*. Disponível em [file:///C:/Users/VAIO%20EH40/Downloads/43357-178459-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/VAIO%20EH40/Downloads/43357-178459-1-PB%20(1).pdf) Acesso em 6 de junho de 2015.
- SANTOS, Eloína Prati dos. *Pós-colonialismo e Pós-colonialidade*. In: FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de Literatura e Cultura*. 2ª ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EDUFJF, 2010, pp. 341-366.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHIMIDT, Simone Pereira. *Sobre favelas e musseques*. Universidade Federal de Juiz de Fora. Revista Ipotesi. Ano 2011.
- TAVARES, Ana Paula. *O Lago da Lua*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- VIEIRA, José Luandino. *Mayombe*. Luanda: Edições Maianga, 2004.
- _____. *Nosso musseque*. Editorial Caminho, AS, 2003.
- _____. *Vidas Novas*. 5ª ed. Lisboa: Edições Setenta, 1985.

